

# “E EU ASSOCIO-ME PORQUÊ?”

PROJETO DE REFLEXÃO NO CONTEXTO ASSOCIATIVO COM PHOTOVOICE

---

Relatório de Projeto de Intervenção

Inês João Santos Sousa

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Jenny Gil de Sousa

Leiria, setembro de 2016

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeira instância à minha filha, pela impossibilidade de não conseguir estar presente sempre que a mesma me pedia, sobretudo nesta importante fase da sua vida, na integração no universo letivo.

A toda a minha família, nomeadamente os meus pais, a minha irmã e também claro o meu marido pela paciência e palavras de consolo e incentivos que transmitiram com as minhas hesitações e preocupações sentidas ao longo deste processo.

Não posso deixar de reconhecer o incondicional apoio e estímulo confiado pela docente Jenny Gil Sousa, orientadora do meu projeto e também à professora Maria de São Pedro Lopes, que apesar de não ser 'oficialmente' coorientadora deste projeto, acompanhou todo o processo, disponibilizando-se para me acompanhar e me apoiar nas dúvidas no âmbito da investigação proposta.

Às minhas Joanas, companheiras de luta(s) que partilharam comigo, alguns dos momentos mais difíceis desta jornada e sempre me acompanharam como se todas fossemos uma só.

Aos colegas e amigos do Município da Batalha pela coragem que me foram dando durante este percurso.

Não esquecendo a associação Arte Sem Fim, o meu enorme agradecimento, pelo espaço disponibilizado para a realização do projeto, mas sobretudo pela inspiração e orgulho sentido na minha integração nesta instituição e que me conduziu ao desenvolvimento do projeto em estudo.

E, por último, mas em primeira instância, às dirigentes associativas do Concelho da Batalha que integraram este projeto, mais que participantes neste processo, tornaram-se amigas e, despenderam do seu tempo livre para partilhar com pessoas desconhecidas as suas reflexões sobre o associativismo.

Por este motivo este projeto também é vosso!

A todos e todas o meu muito obrigada!



## RESUMO

O presente relatório de projeto surge no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas e resulta da implementação de um projeto de intervenção, com o Photovoice. Este projeto tem como propósito principal, através da fotografia, promover a reflexão sobre o envolvimento e participação cultural, numa perspetiva de intervenção artística por parte de dirigentes associativos do Concelho da Batalha.

Para se analisar o valor da fotografia participativa enquanto instrumento reflexivo junto de dirigentes associativos relativamente ao papel que podem desempenhar no contexto sociocultural na sua própria comunidade, foi estruturado um conjunto de sessões que decorreram semanalmente.

Na implementação do projeto foram utilizadas estratégias específicas para atingir os objetivos propostos, apostando, mais concretamente, na promoção de competências pessoais ao nível da comunicação visual entre os participantes e na estimulação de reflexão e de debate partindo das fotografias. Este processo envolveu a participação de dirigentes associativas, manifestando, todas elas preocupação com problemáticas e necessidades do seu meio associativo.

A avaliação do projeto de intervenção indica que as imagens escolhidas pelas participantes representaram as suas experiências e vivências enquanto dirigentes associativos do Concelho da Batalha, favorecendo a reflexão sobre o seu papel e missão a cumprir no mundo associativo.

### **Palavras chave**

Associativismo; Agentes Culturais, Cultura, Fotografia Participativa, Photovoice



## ABSTRACT

This project report comes within the Master in Artistic Intervention and Animation and results from the implementation of an intervention project with Photovoice. This project has as main purpose, through photography, to promote the reflection on the involvement and participation in a cultural perspective of artistic intervention in some associative leaders in Batalha.

To analyze the value of participatory photography as reflective instrument within associative leaders regarding the role it can play in the sociocultural context in his own community, was structured a set of sessions that took place on a weekly basis.

In the implementation of the project were used specific strategies to achieve the proposed objectives, focusing more specifically on promoting personal skills at the level of visual communication among participants and stimulation of reflection and debate from the photographs. This process involved the participation of associative leaders, manifesting, all of them concern with problems and needs of their community.

The evaluation of the intervention project indicates that the images chosen by the participants represented their experiences while associative leaders in the municipality of Batalha, favoring the reflection on its role and mission to accomplish in the associative world.

### **Keywords**

Associativism; Cultural Agents, Culture, Participative Photography, Photovoice



## ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Índice Geral .....	ix
Índice de Figuras .....	xi
Índice de Tabelas .....	xiii
Abreviaturas .....	xv
Introdução .....	1
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL DA INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>3</b>
1. Associativismo, Comunidade e Desenvolvimento Local: Relações em Discussão .....	3
2. Cultura, Participação e Intervenção: Conceitos basilares na Criação Cultural .....	12
3. Fotografia, Memória, Imagem e Fotografia Participativa .....	18
<b>PARTE II – METODOLOGIA .....</b>	<b>27</b>
1. Enquadramento Metodológico .....	27
2. Metodologias Participativas .....	30
2.1. PHOTOVOICE .....	31
3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados .....	35
3.1. Diários de Bordo .....	36
3.2. Registo Fotográfico e de Vídeo .....	38
3.3. Questionários .....	39
4. Metodologia de Análise .....	40
5. Enquadramento Contextual da Problemática .....	41
6. Sujeitos Participantes do Projeto .....	44
7. Projeto de Intervenção com Photovoice .....	47
<b>PARTE III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>53</b>

1. Apresentação e Análise de Dados .....	53
1.1. Análise de Dados dos Diários de Bordo .....	53
1.2. Análise de Dados dos Questionários .....	67
2. Discussão dos Resultados de Investigação .....	70
CONCLUSÃO .....	79
Referências Bibliográficas .....	85
Anexos .....	1
Anexo1 .....	3
Anexo 2 .....	9
Anexo 3 .....	11
Anexo 4 .....	13
Anexo 5 .....	19
Anexo 6 .....	21
Anexo 7 .....	67
Anexo 8 .....	71

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Grupo de participantes do projeto com Photovoice .....	49
Figura 2 – Desafio Acessível no MCCB .....	50
Figura 3 – Registos Fotográficos das participantes – DB2 .....	55
Figura 4 – Registos Fotográficos das participantes – DB3 .....	57
Figura 5 – Registos Fotográficos das participantes – DB4 .....	58
Figura 6 – Registos Fotográficos das participantes – DB6 .....	60
Figura 7 – Registos Fotográficos das participantes – DB8 .....	62
Figura 8 – Registos Fotográficos das participantes – DB9 .....	63
Figura 9 – Registos Fotográficos das participantes – DB10 .....	65
Figura 10 – Registos Fotográficos das participantes – DB11 .....	66



## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 2 .....	54
Tabela 2 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 3 .....	56
Tabela 3 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 4 .....	58
Tabela 4 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 6 .....	59
Tabela 5 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 8 .....	61
Tabela 6 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 9 .....	62
Tabela 7 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 10 .....	64
Tabela 8 – Análise de Conteúdo de DB da Sessão n.º 11 .....	65
Tabela 9 – Análise de Conteúdo de Questionário – Questão n.º 10.....	68
Tabela 10 – Análise de Conteúdo de Questionário – Questão n.º 12.....	68
Tabela 11 – Análise de Conteúdo de Questionário – Questão n.º 15 .....	69



## **ABREVIATURAS**

IPSS - Instituições Particulares de Solidariedade Social

ADL - Associações de Desenvolvimento Local

MCCB – Museu da Comunidade Concelhia da Batalha

DB – Diário de Bordo

P. A/B/C/D/E/F/G – Participante



## INTRODUÇÃO

Verifica-se, na população em geral, um crescente desinteresse pela integração e participação em atividades artísticas e culturais bem como, o desconhecimento dos espaços e equipamentos culturais das suas próprias comunidades.

A cultura é um direito de todos, mas nem todos tiram partido desse direito. Perante tal quadro, as associações locais assumem um papel relevante ao incentivar à participação sociocultural das comunidades, seja esta participação como promotor ou como consumidor de cultura. Neste contexto, os agentes associativos assumem particular importância uma vez que detêm um conhecimento mais aproximado das necessidades territoriais e uma maior capacidade de criar dinâmicas culturais que desenvolvam o sentimento de apropriação cultural dos locais pelos indivíduos.

O facto de a investigadora estar integrada numa associação local foi o principal motivo da escolha do objeto de estudo desta investigação, ou seja, perceber como outros dirigentes associativos percecionam a ‘sua’ Batalha em diferentes áreas, bem como a sua intervenção nas associações.

Com recurso ao uso da imagem, a fotografia participativa foi trabalhada como um importante elemento de reflexão individual e grupal. Em face ao exposto, a metodologia escolhida para o desenvolvimento da presente investigação foi o Photovoice, uma vez que se pretende “utilizar a linguagem fotográfica como ferramenta para promover a ‘voz’ de pessoas e grupos, capacitando-os com habilidades para documentar as suas próprias ideias e percepções sobre o mundo” (Meirinho 2014).

Assim sendo, foram definidos os seguintes objetivos de investigação: compreender a importância atribuída à cultura pelos participantes, no âmbito do associativismo, enquanto elemento de desenvolvimento das comunidades; perceber o grau de conhecimento e participação cultural dos sujeitos e compreender as representações dos participantes acerca do seu papel enquanto agentes culturais. Neste enquadramento, foi definida a seguinte pergunta de partida do presente estudo de investigação:

- Quais os contributos de experiências com a fotografia na reflexão sobre a intervenção/criação cultural (envolvimento cultural) entre dirigentes associativos?

Norteados por estes propósitos, o presente estudo foi dividido em três capítulos distintos. O primeiro corresponde ao enquadramento teórico concetual da investigação, na qual se discutem os conceitos relativos ao associativismo, comunidade e desenvolvimento local, enquadrando-os desde uma perspetiva cultural, de participação e intervenção/criação cultural. É, ainda, analisado o conceito de fotografia, mais particularmente os termos de imagem, memória e fotografia participativa.

No segundo capítulo deste relatório é abordada a metodologia utilizada, o Photovoice, sendo apresentado o enquadramento metodológico, as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados e a metodologia de análise dos dados. Neste capítulo faz-se, também, o enquadramento da problemática do contexto empírico e a caracterização dos sujeitos participantes do projeto. No último ponto, apresenta-se e descreve-se o projeto de intervenção.

No terceiro capítulo são apresentados e analisados os dados recolhidos dos diários de bordo da investigadora e do questionário aplicado aos participantes do projeto. Num primeiro momento, faz-se a apresentação e a análise dos dados recolhidos para, numa segunda fase, levar a cabo a discussão dos resultados obtidos na presente investigação, relacionando a informação recolhida com os autores apresentados no enquadramento teórico e concetual.

No último capítulo – conclusões – responde-se à questão de investigação definida para este estudo e resumem-se as considerações finais.

# PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## CONCEPTUAL DA INVESTIGAÇÃO

### **1. Associativismo, Comunidade e Desenvolvimento Local: Relações em Discussão**

Falar em associativismo implica antes de mais apresentar a raiz etimológica da palavra Associação que advém do latim “*associāre*”, formado a partir do termo “*socius*” que quer dizer companheiro.

Neste contexto, e tendo o conceito de associação recebido influências de diversos movimentos, como o mutualismo e o sindicalismo, considera-se associação como uma pessoa coletiva, composta de pessoas singulares e/ou coletivas unidas em torno de um objetivo comum, sem ter por fim o lucro. Esta conceção surge muito antes da Revolução Industrial, reconhecendo nas organizações existentes na época alguns objetivos comuns aos das associações dos tempos atuais:

Entre os actores da sociedade civil estão os movimentos sociais e as organizações não-governamentais, que lutam pela resolução de problemas sociais, ampliação dos direitos políticos e da consciência da cidadania. Estas associações reúnem indivíduos interessados em efectivar a sua condição de cidadãos de uma forma activa, isto é, que pretendem agir e intervir na sociedade procurando, deste modo, transformá-la (Coelho, 2008, p. 4).

Percebe-se, pela ideia apresentada pela autora, que o conceito de associação remete, inevitavelmente, para o associativismo, andando estes dois conceitos a par e passo. Posto isto, traz-se à liça estudos e trabalhos de diversos autores com o objetivo de aprofundar os conhecimentos relativamente a estes dois conceitos.

Importa destacar que, na sua generalidade as associações não passam de entidades coletivas constituídas por um conjunto de pessoas com vista à persecução de um interesse comum.

Contudo, Mitchell apresenta uma associação como:

(...) um processo quer uma entidade. O processo diz respeito a vários indivíduos que interagem para um fim específico ou para uma série de objectivos. A entidade é uma organização que se mantêm juntos em virtude de um conjunto de regras por todos reconhecidas que regulam o seu comportamento recíproco em ordem a um fim específico ou uma série de objectivos. (1998, p. 43)

O associativismo, de acordo com Capucha (1990, p. 31), tem subjacente uma lógica de:

organizar as populações, de as levar a rentabilizar os seus recursos e capacidades, de melhorar as suas condições de vida, de as tornar capazes de decidir autonomamente os seus destinos e, ainda, de as levar a assumir-se e a fazer-se representar junto dos poderes estatais.

Por sua vez, Dominique Mehl (citado pela autora Sandra Coelho (2008, p.5), afirma que o associativismo:

contribui para uma nova dinâmica política nas colectividades locais. O movimento associativo tem um papel específico na regulamentação social, responde a funções sociais particulares (...) As associações assumem relevo em termos de reestruturação de redes de sociabilidade, que passa pela criação de novas formas de sociabilidade.

No ano de 2001 foi editado em Portugal o ‘Guia para o Associativismo’ obra que define o associativismo como “a expressão organizada da sociedade, apelando à responsabilização e intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social e constitui um importante meio de exercer a cidadania” (Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e Instituto para o Desenvolvimento Social, 2001, p. 5).

Considera-se então que, face aos conceitos apresentados anteriormente, o associativismo local é um movimento promovido por pessoas com interesses comuns, podendo este vínculo ser de âmbito desportivo, artístico, cultural ou outro. As pessoas que integram estas instituições devem rever-se no âmbito da atuação da associação, por forma a conseguir desempenhar o seu papel da melhor forma e, ao mesmo tempo conseguir servir as preocupações e necessidades da sua comunidade.

Para a socióloga Sandra Coelho “O movimento associativo, através das suas diferentes estruturas, desempenha um papel insubstituível no contexto social global, fornecendo um contributo essencial dirigido ao interesse geral” (Coelho, 2008, p.11).

Por isso mesmo é que as autoras Sousa e Gonçalves (2016) destacam que o dinamismo das associações vai muito além do setor do trabalho, possibilitando o investimento do tempo livre (ócio) em benefício de algo que, apesar de pessoal, assume um carácter eminentemente coletivo e solidário, capacitado para uma ação sustentada de intervenção social, política, cultural, económica junto dos cidadãos e da sociedade.

Em jeito de síntese aos vários conceitos apresentados, é possível concluir que para formar uma associação, os seus intervenientes têm de partilhar objetivos que são comuns a todos e conseguir uma motivação consensual, que se definiu como a ideia central para atingir os fins que levaram à constituição dessa entidade.

O associativismo no seio de uma comunidade favorece o nível de participação dos seus intervenientes com especial enfoque em contextos de diversidade cultural e contextos educativos de aprendizagem não formal. É importante realçar o papel do associativismo no apoio às entidades governativas, no âmbito da regulação de uma sociedade e da promoção de políticas e ações de incentivo à participação e ao exercício de cidadania da população. (Sousa & Gonçalves, 2016)

No contexto nacional, o movimento associativo teve a sua insípida manifestação na primeira metade do século XIX, no contexto da Revolução Liberal, em 1834 com a abolição das corporações. Mas, conforme destacado por Ricardo Morais e João Sousa (2012) é a Revolução de 25 de Abril de 1974 que abre definitivamente espaço para o associativismo em Portugal, não apenas através do estímulo à participação popular, mas também porque a partir desta data existe um efetivo reconhecimento das liberdades e direitos de cidadania.

Impulsionado pela adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, o movimento associativo apresenta crescimento com o fortalecimento das organizações já existentes e sobretudo no despertar de outros interesses e motivações pelas comunidades, de onde surgem novos tipos de associativismo, até então dedicado à dinamização de cultura, recreio e desporto.

Emergem neste contexto, conforme destacado por Ricardo Morais e João Sousa (2012), associações de defesa do património, dos consumidores e dos moradores, associações de apoio às vítimas e também neste período inicia-se o associativismo juvenil e de estudantes. Nesta época, no início dos anos oitenta do Séc. XX, surgem, também, as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), as Associações de Desenvolvimento Local (ADL) e, no final da década, as primeiras organizações focadas nas preocupações de desenvolvimento integrado, rural, local, comunitário, social, entre outras.

Para Marcelino Lopes (2008), as associações e as sociedades de cultura surgem como uma tentativa de proporcionar, essencialmente, aos seus associados, recreio, convívio e instrução, estando estes interesses relacionados com as conquistas de tempo livre e à necessidade destes se valorizarem pessoalmente. Este movimento associativo, pelas suas práticas de valorização social e pessoal, não pode deixar de ser considerado como um dos antecedentes da animação sociocultural.

Considera-se, portanto, que o associativismo contribui fortemente para a consolidação e dinamização do seu território, constituindo-se como importante fator de transformação e inovação social, ao mesmo tempo que representa um verdadeiro motor de desenvolvimento local, dada a enorme capacidade que detêm na construção de solidariedades, na execução de práticas de cidadania e na afirmação e defesa de uma comunidade.

A importância e o valor do associativismo decorre do facto de constituir uma criação e realização viva e independente, é uma expressão da acção social das populações nas mais variadas áreas (...) É uma escola de vida colectiva, de cooperação, de solidariedade, de generosidade, de independência de humanismo e cidadania. (Pinho, 2007, p. 22)

Para Sousa e Gonçalves (2016), o contributo do movimento associativo é valorativo a nível da promoção da participação cívica e da integração social que o mesmo promove, ou seja, do exercício da democracia e da cidadania, substituindo-se frequentemente aos agentes formais com responsabilidades nestes domínios.

O associativismo constitui uma das mais importantes componentes da vida coletiva em sociedade, pois o ser humano, enquanto animal social, precisa do outro para, em conjunto, conseguir níveis de realização que de forma isolada não poderia atingir. Deste modo,

conforme destacado por Sousa e Gonçalves (2016), este movimento representa uma forma de organização de cidadãos livres, que voluntariamente se mobilizam para responder a necessidades sentidas pela comunidade, e/ou para concretizar iniciativas de interesse comum. Para uma cidadania plena nestes novos tempos é imperioso promover a participação cívica dos portugueses nas instituições e, por isso, reconhece-se no associativismo um exemplo de escola de cidadania participativa, onde é fundamental o papel da comunidade na difusão dos valores democráticos, através do seu envolvimento em atividades associativas.

A ideia transmitida anteriormente confirma-se pela autora Vilaça (1993) que explica que “as associações voluntárias pressupõem a existência de um grupo de indivíduos que congregam esforços com vista à prossecução de um ou mais objectivos, relacionados com a satisfação dos interesses e aspirações comuns.” (1993, p. 408)

Por isso Ferreira (2014) considera que “a cidadania é uma característica natural inerente a todas as associações e a todas as suas práticas de intervenção na sociedade.” (2014, p. 56).

Quando se aborda o conceito de associativismo, sobretudo no contexto nacional, destaca-se um conjunto de cidadãos, apaixonados pela terra, pelo gosto de sair do conforto e ter uma atitude (interventiva) no que concerne à sociedade: “gente com fome de alimento para a mente, com fome de cultura” (Fontes, Sousa & Lopes, 2014, p.11).

Numa abordagem local, torna-se próprio concluir que os cidadãos se juntam através de associações e exercem funções interventivas junto da sua comunidade, numa entrega inteiramente voluntária, o que os leva a abdicar do seu tempo pessoal, com a missão de fomentar a integração de outros sujeitos com a comunidade e, essencialmente, em prol da defesa cultural, em troca de (quase) nada. Esta atitude voluntária pretende atingir um benefício maior para além da satisfação pessoal, transformando-se numa mudança coletiva, pois como refere Trilla (2004, p. 282) voluntariado é o “conjunto de atitudes ou disposições pessoais quer uma forma organizada de presença e acção social”. Ser voluntário é ter voz na participação social comum e enquanto agente associativo local é ser, não apenas um despoletador de mudança, mas ser um agente interventivo predisposto a agir culturalmente.

Na maioria das vezes, os corpos dirigentes das associações são compostos por pessoas que residem nos lugares onde estas instituições se encontram sedeadas. Esta particularidade constitui-se com frequência como uma vantagem, pois permite o melhor conhecimento das necessidades territoriais, salientando-se como factor de aproximação à população. Em linha com o exposto são, acima de tudo, comunicadores, que fomentam a sociabilização, o trabalho autónomo (em grupo) e a consideração pelos valores da sociedade, sendo estas algumas das características de um animador, reconhecendo-se assim, que cada indivíduo pode ser um “facilitador da participación” (Ventosa, 2009, p. 43) e que por vezes estão a “educar para la participación y educar en valores” (Ventosa, 2009, p. 31) num contexto de educação não-formal.

Em linha com o anteriormente exposto, pode considerar-se que estes indivíduos são perspetivados como apresentando um duplo papel: um pouco como profissionais de cultura e, ao mesmo tempo, de habitantes locais de uma determinada comunidade. Para dinamizar este papel abandonam o conforto do seu lar e espaço pessoal para abraçar novos projetos e desafios. Considera-se também que não têm que possuir algum tipo de experiência profissional, mas é essencial ter muita vontade colaborar, pois basicamente são “personas que realizan acciones que consideran formas de animación” (Ander- Egg, 2008, p. 6), que nasceram através destas uniões para trazer soluções e dinamizar o tecido social numa comunidade, os chamados de “nuevos actores sociales” (Ander-Egg, 2008, p. 9).

Neste contexto, a animação não pode deixar de ser referida, uma vez que estes indivíduos estavam a ser animadores, mesmo antes de se falar em animação como “prática conceptualizada” (Trilla, 2004, p. 281). Se “Animar es dar a vida; el animador es incitador de vida” (Ander-Egg, 2008, p. 19), a verdade é que somente o que tem vida pode sofrer este processo. O animador pretende ensinar a participar (Fontes, Sousa & Lopes, 2014), propiciando uma atitude transformadora, e é esta postura que os agentes associativos assumem na sua própria comunidade.

Atualmente os agentes associativos são relativamente distintos dos de outras décadas anteriores e conforme evidenciam Sousa e Gonçalves (2016): não são pessoas sem formação cultural, mas pessoas críticas, com estudos superiores, muitas vezes desempregadas, mas que ainda assim pretendem dar o seu tempo sobre a construção de

algo útil, contribuindo para uma mudança na sociedade através de expressões artísticas, o exemplo é a melhor forma de atuar.

Considerando que maioritariamente as associações criadas não emergem de grandes fundos económicos, se não apenas as suas atividades e iniciativas, relembremos a importância da estratégia, sobre a finalidade associativa. Quando avaliamos o espaço, os recursos existentes, as pessoas envolvidas, percebemos a sua preocupação social quando disponibilizam do seu tempo, para criar algo. Dar algo às pessoas é algo mais. Quando existe uma preocupação voltada acima de tudo para a presença das pessoas em espaços culturais, e quando essa preocupação se congrega com adequação da programação, seja através de faixa etária, seja através da comunicação, apenas poderá resultar numa boa intervenção.

Para Sousa e Gonçalves (2016), muitos foram os que em tempos idos, através das associações, pretendiam encontrar a sua identidade, muito pelas necessidades que eles próprios revelavam: falta de convívio social, necessidade criar algo nas suas vidas para além do esforço laboral, que se constituísse como forma cultural de usufruir do seu tempo livre. Foram estes os objetivos primordiais que levaram à reunião de pessoas, que se juntaram em associações, mudaram e intervieram culturalmente em várias comunidades locais pelo país fora.

Na verdade através das associações torna-se possível o contacto com diferentes linguagens artísticas como o teatro, a música, ou até com grupos de folclore, desporto, entre outros, facto que facilitou e uniformizou o acesso à participação cultural. Estas associações assumem muita importância junto das comunidades, envolvendo e criando relações que estimularam desafios.

Quando se integra uma instituição de natureza associativa, pressupõe-se uma participação ativa nos domínios cultural e social, pelo que ao democratizar e homogeneizar o acesso cultural a distintos entendimentos e processos artísticos, não nos podemos esquecer que este espaço cultural passou também ele a ser um espaço de consumo (Marcelino, 2008), verificando-se diariamente necessidades e exigências maiores. Atualmente, percebe-se também que “a recriação do espaço público passa pelas possibilidades de liberdade e de invenção de formas de associação como via para uma maior participação dos cidadãos.” (Vilaça, 1993, p. 403)

Se considerarmos um prazer individual sobre esta participação associativa, deveremos ter em atenção que todos, sem exceção, têm o direito de acesso e desfruto desse mesmo tempo (Trilla, 2004). Tal como os agentes associativos pretendem programar atividades/manifestações de cariz cultural nesse tempo livre, também a “animação sociocultural sempre se preocupou com o emprego correto do ócio e, tradicionalmente, manteve um diálogo enriquecedor com a pedagogia dos tempos livres” (Trilla, 2004, p. 335).

Para Vilaça (1993) “a difusão do movimento associativo começou a ser, então, considerada como indicador de democratização e maior participação da sociedade civil” (1993, p. 405), no qual o papel assumido pelas associações em termos da reestruturação das redes de sociabilidade local, surge paralelamente ou em alternativa às instituições tradicionais como a família, igreja, ou a comunidade local.

Reconhece-se que para contextualizar o conceito de associativismo, é fundamental abordar a importância que o mesmo representa para uma comunidade. Assim, segundo Fontes e Arcanjo

Para o desenvolvimento comunitário local muito têm contribuído as associações que por se encontrarem no seio das comunidades, partem dos problemas e necessidades sentidos pelas mesmas e também das suas potencialidades. As associações procuram criar espaços socioculturais abertos, participativos, com raízes nas comunidades o que por sua vez fomenta as identidades locais e a valorização da cultura vigente. (2012, p. 159)

Para estas autoras, as associações assumem um papel imprescindível “no desenvolvimento da comunidade a nível social, cultural ou educativo” (2012, p. 159).

Neste âmbito torna-se importante identificar algumas noções conceituais sobre o termo Comunidade, pilar basilar do associativismo.

Fontes e Arcanjo (2012) definem que uma comunidade

designa uma entidade social e espacial determinada por um território, pelos seus habitantes, por uma estrutura social e códigos culturais específicos. Pode ser pensada como um conjunto de necessidades e interesses comuns (sem esquecer a heterogeneidade interna) e implica um sentimento de coletividade que define uma identidade. (2012, p. 160)

Para Marcelino Lopes (2008)

o conceito de comunidade assenta num espaço com uma unidade comum, isto é, o termo de comunidade deriva do princípio de comum mais unidade. Um espaço assim entendido requer, como protagonistas, pessoas que o habitam e que estabelecem laços e interesses em comum. (2008, p.408)

“A comunidade não é algo estático” defendem Fontes e Arcanjo (2012) ao mesmo tempo que consideram que “as comunidades são únicas pois a dimensão geográfica e administrativa, as interações com base em interesses e necessidades e o tipo de organização são características específicas de cada uma.” (2012, p. 160)

Assim, e tendo por base o pensamento de Tönnies (citado por Loureiro, 2012, p. 333), a comunidade é

formada por pessoas unidas por laços naturais, assim como por objetivos comuns que transcendem os interesses particulares de cada indivíduo. Um sentimento de «pertença» à mesma colectividade domina o pensamento e as acções das pessoas, assegurando a cooperação de cada membro e a unidade ou a união do grupo.

No mesmo seguimento, Caride (1997) (citado por Loureiro, 2012, p. 333-334) afirma que

A comunidade é, sintetizando, uma área da vida social que se singulariza pela adesão que mantêm os seus integrantes, com um sentido de pertença que não se entende sem a presença de níveis mínimos de solidariedade e de intercâmbio de significados, características psicológicas e culturais.

Face aos conceitos expostos anteriormente, sente-se a necessidade de trazer à discussão o termo de Desenvolvimento Local, dadas as características que apresenta.

Numa primeira abordagem, toma-se em consideração o defendido por Carvalho (2014) quando reconhece que “o Desenvolvimento Local está associado, normalmente, a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da colectividade, articulando as potencialidades locais com as condições dadas pelo contexto.” (2014, p. 42)

Numa perspetiva territorial integradora, o processo de desenvolvimento local potencia a participação de todos, na medida em que pretende “melhorar as condições de vida das populações, criando ações que levem à participação e consciencialização da comunidade”

e pretende “estimular a iniciativa, a participação, a cidadania, o empowerment, a democracia participativa de forma integrada como via de reflexão.” (Loureiro, 2014, p. 43)

Para Guerreiro (2014) é reconhecida:

a importância e o papel do associativismo como escola de cidadania participativa, sublinhando o insubstituível papel da comunidade e jovens em particular, na disseminação dos valores democráticos, através do seu envolvimento em atividades associativas de toda a ordem, reforçando também os laços de solidariedade intergeracional e a procura conjunta de soluções para os grandes desafios da atualidade. (2014, p. 3)<sup>1</sup>

Em jeito de conclusão, Bento (2014) apresenta a sua abordagem que defende que

Ao contrário do movimento associativo tradicional, outrora escola de aprendizagens da vida, da arte, da humanidade e dos valores, enfim, da Cultura, cujas infra-estruturas e sistemas organizacionais eram fixos no tempo e no espaço, o movimento associativo de hoje surge de forma espontânea em função de causas sociais, de perspectivas estéticas diversificadas e formas de sociabilização menos hierarquizadas. (2014, p. 92)

## **2. Cultura, Participação e Intervenção: Conceitos basilares na Criação Cultural**

“A palavra cultura é um dos termos reiteradamente utilizados na nossa vida quotidiana (...) [e] acompanha-nos desde sempre (...)” (Cabeza & Amigo, 2014, p. 226). A citação apresentada revela que o ser humano se caracteriza a partir de diferentes dimensões, não ficando limitado às suas perceções e, na componente da cultura, transforma-se pelas experiências vivenciadas e pela criação de novos significados e novas formas de aproveitamento das realidades já existentes. Assim, pela visão destes autores, define-se

---

1 Guia do Associativismo da Batalha

que “o Homem é, falando estritamente, um animal cultural.” (Carrier, 1992, p. 100 citado por Cabeza & Amigo, 2014, p. 226).

Por se tratar de um conceito tão abrangente, e com tão diferentes formas de atuação, a cultura é, ainda nos dias de hoje, considerada por muitos como algo sem significância, sendo que apenas os mais ‘cultos’ a conseguirão interpretar, promovendo, este entendimento, uma acentuada ausência na participação sociocultural dos indivíduos.

Na ótica apresentada por Fernandes (1999, p. 13), a “cultura não é, de facto, algo que se junte à vida social como lhe sendo externo e supérfluo. Aparece antes, como a condição da própria existência humana, (...) é pela cultura que aquela existência adquire a sua verdadeira significação e o sentido do seu próprio destino.”

Neste contexto, reconhece-se que o significado de uma qualquer iniciativa cultural reside na experiência que é vivenciada. A partilha, a experimentação, a integração na dinâmica cultural provoca um querer mais no indivíduo, criando, muitas vezes, a vontade de mobilizar outros e gerar motivação para a criação cultural.

Para Sarmiento (2015, p. 25-26), “a problematização da noção de cultura é essencial para a compreensão do modo como as sociedades modernas funcionam” e, neste âmbito, a autora apresenta, então, uma definição contemporânea de cultura que “poderá ser a produção e circulação de significados”, isto é, os processos através dos quais a cultura é produzida bem como, as formas que são mais do que as simples “estruturas de pensamento” e formas de vida que estas revelam. (Sarmiento, 2015, p. 36).

Segundo Augusto (2012), a cultura pode constituir-se de diferentes formas e em diversos espaços e contextos, seguindo a mesma lógica de Sarmiento (2015), valoriza a importância da interação entre os sujeitos, (pessoas, grupos e instituições) na atividade cultural, uma vez que “[a cultura] está ligada à produção e ao intercâmbio de significados, entre membros de um grupo ou sociedade. São os agentes de uma cultura que conferem significados às pessoas, objectos, conceitos e acontecimentos.” (Sarmiento, 2015, p. 37-41)

Em linha com o exposto, e conforme revelam Cabeza e Amigo, a cultura constitui-se como uma forma de representatividade das características de uma coletividade e “formam

parte dela a mentalidade, os estilos de vida e a maneira específica de humanizar o meio.” (2014, p. 226)

No ponto de vista apresentado por Santos, num contexto territorial, a cultura assume um papel extremamente importante quanto ao seu desenvolvimento, sendo que a “atenção é, geralmente, focalizada sobre os impactos, diretos e indiretos, na formação de públicos para a programação cultural que é promovida, na valorização do património, na dinamização da economia local, na promoção do turismo.” (2014, p. 202)

No contexto nacional, a intervenção cultural é sobretudo implementada pelos municípios, pelo que se julga como sendo uma atividade em estruturação, não havendo espaço para a sua reflexão e enquadramento estratégico.

Neste sentido, o mesmo autor considera ainda que “as políticas culturais autárquicas devem revestir um claro figurino territorialista, ou endógeno, porque só assim poderão constituir-se como verdadeiros instrumentos de valorização dos ativos locais e de qualificação das comunidades.” (Santos, 2014, p. 201). Isto é, a cultura assume, no âmbito das políticas de desenvolvimento local, um papel essencial na qualificação dos cidadãos e das instituições, promovendo numa comunidade características de atração diferenciadoras de outros locais. Assim sendo, o autor supracitado defende que “é fazer da especificidade local o critério fundamental da qualidade e de afirmação competitiva, associando os produtos de prestígio de um determinado território.” (Santos, 2014, p. 207)

Traz-se à liça alguns dos elementos que identificam e particularizam os lugares, a cultura, que por refletir os hábitos, os costumes, os meios de vivências de uma comunidade, se torna única e com características próprias. Estes elementos diferenciadores devem ser tidos em conta nas políticas locais, e os seus planos estratégicos deverão saber tirar partido, no sentido de valorização do território e ao mesmo tempo, de promoção do sentimento de integração e de pertença dos seus cidadãos.

Assim, para Vilaça (1993) surge a necessidade de estabelecer uma

ligação entre identidade e cultura – especialmente espaço cultural – podemos considerar que a identidade colectiva local assume toda a importância ao nível da formação de uma democracia participativa traçando, por outro lado, as condições conducentes a processos de mudança e de desenvolvimento. (1993, p. 405)

Para melhor implementação e concretização de um projeto de intervenção cultural considera-se fundamental estabelecer parcerias e gerar dinâmicas sociais, em diferentes contextos, capazes de criar laços de complementaridade e sinergias que fomentem o desenvolvimento sustentável no âmbito da valorização cultural e patrimonial de uma comunidade. Neste sentido, Santos (2014, p.209) entende que

As iniciativas e projetos de cariz cultural com características diferenciadoras, funcionam como um elemento de qualificação e capacitação dos cidadãos tomados individualmente e das populações num quadro específico de favorecimento da coesão social e territorial – este é o cerne da intervenção da dimensão cultural enquanto instrumento colocado ao serviço das lógicas de desenvolvimento integrado e sustentado.

Face aos pressupostos anteriormente destacados, este autor reconhece a importância de se constituírem territórios e comunidades ativos culturalmente, através da valorização do legado patrimonial. Neste contexto é também de destacar o surgimento de novas indústrias da cultura que, ao serviço do reforço das dinâmicas de animação local e da valorização de políticas de inclusão social, possibilitam o reforço de coesão comunitária. “A cultura exerce inequivocamente efeitos diretos e indiretos sobre cidadãos.” (Santos, 2014, p. 210).

A cultura inclui, também, as diferentes formas de experiência artística e estética, que devem ser um direito dos cidadãos (Lopes, 2007). Neste contexto, permite-se concluir que pela integração em diferentes tipos de manifestações culturais, os habitantes de uma comunidade desenvolvem um sentimento de representatividade e identificação própria, dinamizando o bem-estar coletivo e a autoestima na população, promovendo, assim, um fenómeno de apropriação por parte dos indivíduos que participam nestas atividades.

Este movimento de apropriação deve, obrigatoriamente, estar presente nos objetivos definidos para projetos de intervenção cultural, conforme destacado por Santos (2014), com o intuito de

Definir e implementar estratégias culturais inclusivas, garantindo níveis ajustados de coesão social e territorial, sabendo que não há público mas públicos e que consegue atender a toda a comunidade local, assegurando a cultura como um direito de todos os cidadãos, deve ser um dos principais eixos condutores da ação municipal nesta área. (2014, p. 211)

Torna-se assim necessário refletir sobre os agentes culturais no seio das comunidades locais. Estes agentes, enquanto elementos integrantes de instituições não-governamentais, são cidadãos que devem integrar-se em duas categorias: como promotor e ao mesmo tempo consumidor de cultura. Esta dualidade constitui-se como elemento valorativo do seu papel enquanto agentes culturais, na medida em que pelo conhecimento do território e das carências da comunidade, estes indivíduos têm maior capacidade de resposta perante as necessidades locais.

“O património cultural de um povo reflecte a identidade viva do grupo humano que esse povo integra, tanto a identidade passada como a presente” (Fernandéz, 2014, p. 265), na medida em que os “atores locais são um verdadeiro motor para fazer da cultura um processo de promoção das culturas e dos povos.” (Fernandéz, 2014, p. 265)

No que toca à participação e fruição da cultura, o acesso a espaços culturais, nomeadamente salas de espetáculos de responsabilidade pública, é, muitas vezes, restrito, pela limitação financeira dos participantes de uma comunidade. Neste sentido, as associações culturais, ainda que territoriais, são essenciais nesta descentralização de atuação por serem capazes de apresentar cada sujeito de atividades, na sua maioria, gratuitas, ou de baixo custo.

É necessário estimular e recuperar as identidades culturais, sendo essencial aperfeiçoar a relação Estado e sociedade civil, admitindo as suas distinções, mas aproximando ambos os papéis, e as respetivas obrigações. As atividades são essenciais pela vertente cultural, mas sobretudo, porque elas premeiam o desenvolvimento ao local onde são implementadas.

Para muitos, a cultura é vista como forma de entretenimento. Contudo, este facto constitui-se numa limitação uma vez que não cumpre a sua verdadeira missão, isto é, fomentar a capacidade crítica nos indivíduos. Confirmando esta ideia estão as políticas culturais dinamizadas pelas entidades governamentais e pelo poder central que promovem espetáculos meramente ociosos de significado, ao invés de fomentar a educação e formação das pessoas. Verifica-se assim, que existe uma maior preocupação com a oferta do que com a procura. Esta preocupação está muito presente nas ‘pequenas’ associações, pois quem frequenta e acompanha manifestações culturais entende e exige um rigor e criatividade sobre o que quer consumir (Serrano, 2008).

Como destaca Maria de Lourdes dos Santos (2007), a criação de hábitos culturais, o estímulo sobre a procura de oferta cultural, o aumento de nível de exigência e também a dinamização de carreiras artísticas pode surgir como consequência de uma população educada culturalmente, atenta e conseqüentemente participativa.

No que se refere ao contexto local, as associações devem avaliar as necessidades e preferências da comunidade em que estão inseridas, ou seja, a real necessidade cultural (Serrano, 2008) dos indivíduos para o fomento da sua participação e sentimento de pertença, a nível cultural e social.

As associações constituem-se, então, em promotores culturais com poder para desencadear experiências culturais que desenvolvam o sentimento de integração e pertença dos cidadãos da sua comunidade, sendo esta uma das chaves para o sucesso das iniciativas locais. Neste âmbito, entende-se que a avaliação das experiências vivenciadas pelo público interveniente é essencial para perceber a eficácia, a adequação da programação (Serrano, 2008) cultural a oferecer.

Em linha com o exposto, considera-se, então, que estes dirigentes associativos dinamizam tarefas muito próximas das desempenhadas pelos animadores, sem com isso se dar conta, na medida em que o normal não lhes é suficiente, buscam novos desafios, propõe-se a ser interventivos, permitem-se à mudança, nunca procurando um benefício próprio, nem tão pouco um louvor sobre o trabalho que executam.

Sousa e Gonçalves (2016) reconhecem que num contexto sociocultural, os participantes associativos

São, tal como o animador, essenciais no desenvolvimento comunitário. São intermediários, mediadores, comunicadores, pró-ativos, destemidos e com muita garra, mesmo quando em tempos os entendimentos eram bem diferentes. Por isso, o associativismo é um palco de experiências culturais, visando a criação de resoluções sociais, numa tentativa de consolidação e dinamização da comunidade em que se insere.

### **3. Fotografia, Memória, Imagem e Fotografia Participativa**

“A descoberta da fotografia é uma das realizações mais extraordinárias que o génio do Homem tem conseguido. Por meio dela eternizamos o que é passageiro, tornamos a ver o que já passou, continuamos vivos depois de mortos.” (Carvalho, 1960, p.5).

Desde o surgimento da fotografia, e da preocupação de Daguerre no controlo sobre a ilusão imagética, o seu percurso e a sua história sempre foram marcados pelas polémicas ligadas aos seus usos e funções: “carácter de prova irrefutável do que realmente aconteceu, atribuído à imagem fotográfica pelo pensamento da época transformou-a numa dupla realidade, cujo objetivo estava em ligar um real existente e captado à uma imagem refletida do mesmo” (Meirinho, 2009, p. 15).

A fotografia, que passou a ser uma narrativa do nosso quotidiano, retrata bem mais do que o real e capacita-se muito acima da mera vertente ilustrativa de textos.

Hoje, esta ilustração visual habilita cada um a poder entender e recriar a sua própria realidade. Fotografamos vários momentos e não nos podemos esquecer que são isso mesmo: momentos onde existe um tempo, entre o antes e o depois, ou seja, o agora. E neste espaço de tempo existem emoções e sentimentos distintos em cada um: ou seja, a vivência de uma experiência estética.

A fotografia entende uma criação através de contrastes, luzes, cores, formas, colocando à disposição um registo numa superfície palpável. A vertente da fotografia digital remete-nos para outras questões controversas, acabando por incidir sobre o indivíduo comum que, a um custo relativamente reduzido, tem acesso a utilizar uma máquina fotográfica e a conseguir, seja a que hora for, captar diversos momentos, expressando de forma inconsciente sensações e entendimentos sobre o mundo que o rodeia.

Existe, intrinsecamente, uma relação de comunicação entre a imagem e o sujeito como ato não-verbal, numa concordância da essência da mensagem exposta e sentido fotográfico: imagens que falam por si. Neste contexto, pode-se apresentar a expressão “uma imagem vale mais que mil palavras”, pois é mesmo isso que representa, o registo de um determinado acontecimento, num contexto específico e que para um sujeito tem um significado muito próprio e pessoal.

Num quadro de comunicação e divulgação, utiliza-se a imagem como abordagem e exposição de códigos culturais e sociais que auxiliam a traduzir e a compreender os públicos com os quais trabalhamos. Através de uma imagem é possível captar a atenção de qualquer cidadão, quer a área colocada em destaque na imagem lhe interesse ou não.

Neste seguimento, Kowalski (2012) afirma que a “imagem é uma linguagem universal. O fotografar e o ser fotografado implica um diálogo entre um e outro”. Valoriza ainda esta autora a representatividade que a expressão significa, destacando que

A fotografia não precisa de palavras, contém uma ação e é, ao mesmo tempo, uma forte base de comunicação. O ato de observar e de ser observado, o ato de querer ter uma fotografia bonita e o de se querer ficar bem na mesma fotografia, constrói um diálogo. Estamos, nesse momento, fotógrafo e pessoa fotografada em sintonia. Cada um com o seu objetivo, mas o momento é partilhado. (2012, p. 185)

O que fotografamos revela muito do que somos e, neste seguimento, a fotografia conta e reconta inúmeras histórias. Se fotografar é escrever com a luz, combinando elementos da linguagem fotográfica numa ótica não só de registo, mas de memória, está-se, então, perante um processo dinâmico com imensas significâncias. O tempo e o espaço para um indivíduo são elementos determinantes para a escolha do registo fotográfico, isto é, diferentes pessoas em contextos iguais apresentam imagens diferentes, pois a fotografia representa a forma de estar da pessoa, no momento em que a mesma regista a imagem. A fotografia assume, por isso, significados singulares a partir das experiências de cada indivíduo e tal como destaca Sontag (2007, p. 16) “fornecem um testemunho”.

A fotografia, na linguagem artística que é, possui vida própria, completa de significados e hipóteses interpretativas. Para compreender uma fotografia é necessário entendê-la como o resultado dos elementos que a constituem, isto é o contexto (espaço e tempo), o fotógrafo e o fotografado.

Para Dubois (citado por Felizardo & Samain, 2007, p.211), “a memória é feita de fotografias”, sendo a imagem fotográfica uma das formas modernas que melhor humaniza o prolongamento das artes da memória. Regista-se, assim que, através da fotografia torna-se possível fragmentar uma determinada realidade no espaço e no tempo, imortalizando o momento e ativando as memórias do indivíduo que registou o momento e também para o observador.

Considera-se então que as fotografias constituem importantes meios de compreensão do passado e este registo tem-se constituído como um fenómeno que tem vindo a contribuir para os estudos sobre a memória. Através desta, é possível dar sentido à existência do indivíduo, promovendo, assim, uma compreensão mais detalhada de si próprio e do mundo ao seu redor. Segundo Pollack (1992, p.2), a memória é constituída por acontecimentos, personagens e lugares: “Existem lugares da memória, particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.”

Neste contexto e, relacionando a fotografia com as diferentes percepções e sentimentos vivenciados por um indivíduo, torna-se necessário destacar o conceito de memória, conforme abaixo se apresentam as opiniões de alguns autores.

“É incontestável afirmar que a fotografia pode ser considerada como (...) objeto portador de memória viva e própria. (...) Fotografar significa congelar no tempo a nossa memória, atestar e perpetuar a nossa existência.” (Felizardo & Samain, 2007, p. 217)

A foto é interpretada de acordo com os princípios e a cultura do observador, assim como assume significados singulares a partir das experiências de cada indivíduo.

Apresentando uma relação direta entre a imagem fotográfica e a memória, Souza (s.d., p. 142) reconhece que a “imagem favorece novas formas de sociabilidade, de laços familiares e sociais.” Este autor, em linha com o exposto, reconhece que

pode-se afirmar que a memória é um referencial da condição humana e desde sempre o homem se preocupa em deixar marcas da sua existência que um dia lhe darão sentido. Assim, ao promover uma ligação entre um passado que foi registado e que se reflecte na imagem fotográfica, produz-se um efeito de referenciação de momentos. O imaginário trabalha criando uma ilusão temporal. A fotografia, desta forma, passa a ser um suporte perfeito, pois carrega consigo o real retratado por ela e a credibilidade e reafirmação de que aquele momento existiu. ( p. 142)

Ainda no seguimento do conceito em destaque, Felizardo e Samain (2007) reconhecem que,

A fotografia foi um fenómeno que revolucionou a memória, a sociedade da época e o pensamento moderno. (...) A fotografia carrega consigo a magia da (re)criação àquele que

a observa, uma incitação àquele momento eternizado. Suscita e ressuscita sentimentos. Esta é uma qualidade inexorável da fotografia que independentemente do seu tempo e do modo como foi produzida, pode atuar tanto na memória individual quanto na coletiva. (2007, p. 215)

Considera-se, também, que o espaço e o tempo são, elementos indissociáveis, no processo de construção da memória pois tal ação ocorre num preciso lugar, numa determinada época, isto é, toda e qualquer fotografia tem sua “gênese num específico espaço e tempo, que são as suas coordenadas de situação” (Kossoy, 1999, p. 26).

A representação fotográfica passa a ser interpretada como o ultrapassar da percepção do objeto que um indivíduo registou com um simples disparo, aprofundando-se o olhar numa subjetividade além do enquadramento fotográfico.

Para Joly (1994), todos somos consumidores de imagens, promovendo necessidade de compreendermos a maneira como a imagem comunica e transmite as suas mensagens, para não ficarmos indiferentes a uma das ferramentas que mais dominam a comunicação contemporânea.

Definir o conceito de imagem é, aparentemente, uma tarefa bastante fácil de cumprir, no entanto, a verdade é que estamos perante um termo que engloba uma complexidade e multiplicidade de sentidos. De acordo com Carlos Ceia<sup>2</sup>, a imagem é uma representação mental de uma realidade sensível, que permite a associação de dois mundos ou realidades separadas no tempo e no espaço.

Conforme referido por Meirinho (2014),

a imagem pode ser vista como um objeto carregado de significado e um meio de transmitir e afirmar certas ideias expressas através da linguagem visual. É, também, parte de uma cultura material pertencente ao nosso meio de referência que conservamos, acumulamos e mostramos. Descobrimos que a imagem fotográfica pode nos ajudar a entender o mundo a partir das significações de cada indivíduo.

Entende-se necessário apresentar, neste contexto a noção de cultura visual conforme é perspectivada por Rodrigues (2011, p. 118) como um conceito novo, “por se centrar no

---

<sup>2</sup> Ceia, Carlos. Imagem. E-Dicionário de termos Literários. Disponível em <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6505/imagem/> [consultado em 21/09/2016]

visual como lugar onde se criam e discutem significados, uma concepção surgida do interesse pela transversalidade das imagens e da cultura e pelos acontecimentos visuais da vida quotidiana.”

Neste âmbito, Rodrigues (2011) define que a

Cultura visual inclui os elementos da cultura popular e as obras de arte, mas também as imagens da televisão, a fotografia, o teatro, o design, o cinema, a banda desenhada, os cartazes, os postais, os videojogos, etc. Cria uma ampliação dos objetos com os quais nos relacionamos diariamente, ao estudar e questionar o modo como nos apropriamos deles. (2011, p. 118)

Socialmente, a fotografia reconhece o outro, o indivíduo e o “Eu”, em termos de identificação e exposição cultural. Intervir através da linguagem fotográfica significa utilizar esta ferramenta artística como forma de chegar a determinado público, sobre um objetivo muito próprio: a comunicação (Magueta, 2014).

Compartilhar com o outro as ações retiradas,

implica partilhar o espaço de comunicação com o “outro” e tomar parte nas decisões do grupo. A experiência artística, quando partilhada, amplia as oportunidades da construção da relação com o “outro”, na medida em que se concretiza através da partilha de ideias e da expressão de sentimentos, onde todos se manifestam criativamente (Magueta, 2014, p. 235).

A fotografia tem evoluído e crescido como expressão através da sua própria envolvimento e imagem, tendo a mesma aproximado e iniciado a criação de elos e facilitismos no que concerne à comunicação entre indivíduos. Expressar-se livremente é relatar os nossos sentimentos mais ocultos, comunicar o que pensamos, sem saber por vezes como o fazer através de palavras. A imagem, enquanto objeto da fotografia, surge muitas vezes através de momentos não provocados, mas prazerosos e espontâneos.

Entende-se, pois, que “a expressão livre constitui um dos fatores imprescindíveis para o desenvolvimento harmónico do indivíduo” (Gonçalves, 1991, p. 3), auxiliando-nos ainda a “ser observadores e mais críticos mais abertos às diferentes possibilidades de expressão” (Gonçalves, 1991, p. 3). Atualmente, imagem e comunicação andam de mãos dadas (Pereira, Vieites e Lopes, 2014) e cada vez mais é preciso estar atento, sendo que o ensino

deveria fomentar estas experiências, mas tem ficado cada vez mais esquecida esta abordagem. Conclui-se que “a observação, a apreciação e a fruição perante objetos artísticos devem também integrar a ação do animador que intervém no espaço educativo, sendo assim potenciada a participação na cultura, que acontece na interação com o outro, os objetos e as obras” (Magueta, 2014, p. 234).

Esta forma de comunicação revela-se, pois, como um veículo de expressão artística, de libertação, de conhecimento e de interação. Hoje, a fotografia tornou-se (quase) acessível a todos. A linguagem fotográfica, como outras linguagens artísticas, aproxima e despoleta a participação de grupos, com ou sem conhecimentos, revelando uma ligação com o homem de constante reciprocidade: adaptação e desenvolvimento. A mesma faz parte integrante da vida de cada um, auxiliando na exteriorização de emoções, apreensão sobre a realidade e conhecimento sobre o que o rodeia.

É cada vez mais frequente o recurso à fotografia participativa no âmbito da investigação, na qual se coloca em destaque a imagem que se iguala à palavra, numa perceção de comunicação com o outro. Neste contexto, a máquina fotográfica representa a sua forma de olhar sobre uma realidade e dá a conhecer outras perspetivas e olhares que não são comuns, ou que aparentemente não se tornam visíveis.

Os participantes representam visualmente as suas experiências (apresentando saberes), enquanto também aprendem a tirar fotografias (saber prático), interagindo de diferentes maneiras com pessoas distintas (saber experimental) e desenvolvendo novas compreensões conceituais (saber proposicional). (Prins, 2010, p. 428).

No seguimento do acima exposto, Kowalski (2012, p. 188) refere que através da fotografia é possível “(...) dar voz a quem por vezes está distante desse direito ou possibilidade”.

A verdade é que a fotografia pode mostrar e dar um conhecimento muito distinto e (in)traduzível através de palavras, ou até outra qualquer forma de comunicação.

[a fotografia participativa] é um processo pelo qual as pessoas podem identificar, representar e melhorar a sua comunidade através de uma técnica fotográfica específica. São confiadas câmaras nas mãos de pessoas que lhes permite agir como documentaristas, e potenciais catalisadores de ação social e de mudança, em suas próprias comunidades. (Blackman 2007, p.10).

Considera-se então que a fotografia participativa define no seu contexto de aplicação objetivos ambiciosos e comprometidos com a realidade cultural e social de uma comunidade, ao nível da promoção do conhecimento coletivo, do desenvolvimento do pensamento crítico e da alfabetização visual proporcionada aos seus participantes.

Rabadán Crespo e Contreras Pulido (2014) consideram que a fotografia participativa se constitui como um método visual que permite documentar e representar o mundo social de forma criativa, através do desenvolvimento de novas formas de interpretar individualmente e em grupo as relações sociais. Estes autores consideram que a fotografia é acima de tudo, um testemunho e quando apresentado constrói-se um significado, é feita uma escolha sobre um tema e uma história que será contada de alguma maneira.

La fotografía participativa, por lo tanto, tiene enormes posibilidades como herramienta para fomentar la participación de la gente en el proceso de investigación y sitúa a los sujetos de la investigación como co-colaboradores en el proceso de creación de conocimiento proporcionando el espacio y la oportunidad para que las personas reflexionen sobre cuestiones que les afectan. (Rabadán Crespo & Contreras Pulido, 2014, p. 150).

Como uma forma de consulta à comunidade, a fotografia participativa pode servir para documentação e reflexão de questões sociais e culturais, fenómenos importantes para os seus intervenientes, assumindo a máquina fotográfica como o elemento controlador para o registo de experiências e vivências no seio de uma comunidade.

Almudena Caso<sup>3</sup> considera que nos processos criativos dinamizados no contexto da fotografia participativa é gerada a auto-representação individual e estimulados os vínculos sociais dentro das comunidades.

Através da fotografia é possível a dinamização de processos e técnicas, adaptáveis a determinado grupo e, que, podem ser muito úteis enquanto forma de desenvolvimento e inserção social. Integrar, aproximar, envolver e promover uma participação com recurso a uma máquina fotográfica é “encará-los como competentes para o manuseamento de equipamentos de registo em fotografia é uma atitude indispensável para poderem documentar e tornar visíveis as suas representações acerca do mundo que os rodeia”. (Sarmiento, 2004, p. 13).

---

3 <https://almudenacaso.com/fotografiaparticipativa>

Desde sua invenção até à sua alargada acessibilidade, a fotografia tem sido tratada como uma ferramenta que observa o mundo tal qual ele se apresenta (Sontag, 1986). Após muitos debates acerca da veracidade e representação fidedigna de uma realidade estática, a imagem fotográfica passou a ser compreendida como um novo formato de enquadrar as diversas percepções do mundo real. Estudiosos e entusiastas passaram a compreendê-la não apenas como janela, mas como um espelho que ultrapassa a percepção do objeto retratado, aprofundando o olhar numa subjetividade além do enquadramento e indo ao encontro dos interesses do seu produtor (Meirinho, 2015, p.203).



## PARTE II - METODOLOGIA

### 1. Enquadramento Metodológico

Um dos aspetos essenciais num processo de investigação é a metodologia e, neste âmbito, a opção que caracteriza este trabalho está fundamentada nos usos da fotografia participativa, enquadrando-se este processo na tipologia de investigação qualitativa.

Quando se começa o processo de investigação, o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível (Quivy e Campenhoudt, 1995, p. 32).

Por se privilegiar o recurso metodológico de investigação qualitativa importa destacar que neste tipo de processo, os “investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística” (Bell, 2008, p. 20).

Assente nos objetivos definidos para o presente projeto, destacam-se os autores Sousa e Baptista (2011, p. 56), que caracterizam os fundamentos desta metodologia da seguinte forma:

a investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores. Não existe uma preocupação com o valor da amostra nem com a generalização dos resultados, e não se coloca o problema da validade, da fiabilidade dos instrumentos como acontece com a investigação quantitativa.

Para Serrano (2011, p. 328) “a investigação qualitativa considera-se como um processo ativo, sistemático e rigoroso de indagação dirigida, na qual, se tomam decisões sobre o investigável, estando no campo o objecto de estudo.”

Nesta metodologia coloca-se em destaque o papel que o investigador assume, sendo um elemento participante e integrante do processo investigativo. Lopes (2008) destaca que

para a investigação qualitativa, os sujeitos participantes têm rosto e nome, “pois o investigador interage com eles para obtenção da informação” (2008, p. 75).

Neste contexto, Trilla (2004), reforça a ideia apresentada anteriormente, na medida em que esta opção metodológica “exige a participação firme de todos os implicados, assim como a salvaguarda das opções que suponham um bem público e a defesa da igualdade e da justiça social, pois só a defesa e promoção destes ideais pode garantir a participação equitativa de todas, base da democracia. (...) a participação de todos os implicados no processo.” (p. 104).

Trata-se, então, de um processo de investigação que visa compreender “como as pessoas experimentam, interpretam e reconstróem os significados intersubjectivos da sua cultura. Deste modo, obtém-se um conhecimento directo da realidade social.” (Trilla, 2004, p. 109).

De situar a fotografia - técnica de investigação escolhida - na perspetiva qualitativa destaca-se a opinião de Walker (1993) quando o autor explica que o uso da fotografia em contextos científicos confere neste meio visual a apresentação de uma voz qualitativa única dos participantes. Neste âmbito, as imagens disponibilizam ao investigador uma visão muito própria dos participantes, ao mesmo tempo que lhe proporciona a interpretação dos indivíduos quanto às suas próprias vivências.

A imagem fotográfica é concebida na presente investigação como um instrumento para a reflexão do seu entendimento cultural e identitário pelos participantes, considerando que a imagem ultrapassa a linguagem escrita e passa por “metáforas visuais que unem esse espaço entre o visível e o invisível, que comunica não através do paradigma realista, mas sim através de uma expressividade” (Edwards, 2008, p. 98).

Considera-se, assim, que a fotografia pode ser identificada, nos estudos de metodologias participativas, como um instrumento catalisador de mudanças, justificado através da dupla função que a imagem fotográfica pode assumir: como expressão criativa visual ou como um meio de retratar e refletir sobre as realidades e os contextos.

Assim, nesta investigação a pergunta de partida define-se como:

*Quais os contributos de experiências com a fotografia na reflexão sobre a intervenção/criação cultural (envolvimento cultural) entre dirigentes associativos?*

Para responder à questão de investigação foi necessário apontar objetivos, que se situam a dois níveis: objetivos gerais, que clarificam e estruturam a investigação e os objetivos específicos, que dizem respeito à implementação do projeto e que serviram para operacionalizar a intervenção.

De uma forma mais pragmática, a investigação apresenta os seguintes objetivos:

- 1 - Compreender a importância atribuída à cultura, no âmbito do associativismo, enquanto elemento de desenvolvimento das comunidades;
- 2 - Perceber o grau de conhecimento e participação cultural dos sujeitos;
- 3 - Compreender as representações dos participantes acerca do seu papel enquanto agentes culturais.

Neste contexto, e para ir ao encontro dos objetivos da investigação, torna-se necessário identificar objetivos específicos tendo em vista a implementação do projeto.

- Possibilitar aos participantes o registo e a reflexão das imagens, para identificação das suas necessidades e das problemáticas na sociedade;
- Promover o diálogo crítico e reflexivo entre os participantes do projeto;
- Favorecer sobre novas formas de metodologias de intervenção através do recurso às diferentes expressões artísticas;
- Proporcionar experiências de representação visual de experiências comunitárias;
- Estimular os participantes do projeto para uma procura de forma autónoma ao acesso e à fruição cultural na relação com as expressões artísticas;
- Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, possibilitando aos participantes uma nova experiência de vida.

Em suma, a definição e a apresentação dos objetivos, no plano da investigação, deverá aproximar-se o máximo daquilo que pretendemos com toda a investigação. (Dias, 2010, p. 43)

## **2. Metodologias Participativas**

Para o desenvolvimento do presente projeto de mestrado revelou-se essencial o recurso às metodologias visuais participativas, nas quais as fotografias produzidas pelos participantes do projeto servem para motivar uma colaboração mais estruturada entre o investigador e os participantes, assim como para desenvolver competências nos envolvidos, no que se refere mais concretamente à documentação e reflexão sobre suas realidades.

Este método investigativo caracteriza-se por proporcionar, aos intervenientes de investigações académicas e/ou de intervenção social, um conjunto de ferramentas e competências que lhes permita expressarem-se visualmente, através do vídeo ou da fotografia. Estas práticas têm servido, como tipo de metodologia, para o desenvolvimento de projetos de cariz comunitário e social.

Neste âmbito, a imagem assume-se como elemento fundamental numa forma de comunicação que proporciona a cada participante um meio de se autorrepresentar, permitindo a construção das suas narrativas visuais e o desenvolvimento da sua autonomia na valorização das experiências pessoais neste processo, inevitavelmente, de uma consciência crítica.

Considera-se, assim, que a integração em projetos com metodologias participativas visuais promove, através das fotografias produzidas, as competências pessoais e coletivas dos seus participantes, quando envolvidos nas sessões. Este envolvimento pressupõe documentar e refletir sobre suas realidades; assim, para este tipo de investigação, o momento da captação fotográfica transforma-se em algo mais do que um simples registo documental ou uma memória visual de um objeto ou momento em consonância com o que defende Meirinho “na ação participativa, a narrativa fotográfica tornou-se um lugar

mais amplo e colaborativo de trocas entre os participantes, estimulando-os a refletirem, discutirem e analisarem as questões que os defrontavam.” (2015, p.204)

A opção metodológica que caracteriza este trabalho foi fundamentada nos usos da fotografia participativa e estruturada nos conceitos do método Photovoice (Wang, 2006), que conforme defende a sua autora “as primeiras formas de representação mediada pela câmara são das vidas dos participantes para si próprios e para os outros” (2006, p. 157).

## 2.1. PHOTOVOICE

O Photovoice é o método de fotografia participativa mais conhecido internacionalmente, usado especialmente no campo do desenvolvimento da comunidade, saúde pública e educação. Este processo investigativo visa ativar competências sociais e pessoais e promover a participação ativa das pessoas em situação de vulnerabilidade ou marginalidade social, através da fotografia e da voz.

Este método surgiu pela primeira vez em 1992 com os projetos desenvolvidos por Carolina Wang e Mary Burris na área da promoção e educação para a saúde e tem como principais influências teóricas a educação para a consciência crítica de Paulo Freire, a teoria feminista pelo reconhecimento da experiência subjetiva, a influência da metodologia participativa e a tradição do documentário fotográfico caracterizado pela consciência social apresentado em imagens visuais (Wang & Burris, 1997).

Através do Photovoice propõe-se “identificar, representar e reforçar os recursos das suas comunidades através de técnicas e representações fotográficas” (Wang e Burris, 1997, p. 369). A fotografia passa a ser um suporte e ferramenta de trabalho “que serve como instrumento para criar relações, informar e organizar indivíduos da comunidade, permitindo-lhes dar prioridade às suas preocupações e discutir seus problemas e soluções coletivamente, através dos enquadramentos visuais” (1997, p. 370).

O Photovoice constitui-se como uma metodologia de investigação-ação participativa, no qual as suas autoras Wang e Burris (1997, p. 370) o descrevem como um “processo no qual as pessoas identificam, representam e valorizam a sua comunidade através de técnicas específicas da fotografia.”. Este processo é usado durante as discussões orientadas para estimular os participantes a “refletirem sobre suas próprias condições de

vida, mas também no sentido de partilhar as suas experiências” (Palibroda et al., 2009, p. 6).

Uma das finalidades deste método é o “acesso aos mundos das outras pessoas para que esses mundos se tornem acessíveis” (Booth e Booth, 2003, p. 431), tanto para outros grupos de indivíduos, quanto para as investigações sociais.

No Photovoice as discussões entre o grupo acerca das imagens produzidas facilitam e encorajam os envolvidos a analisar criticamente e coletivamente as condições sociais que contribuem e prejudicam o seu desenvolvimento pessoal e bem-estar comunitário.

Os participantes são percebidos como sujeitos ativos capazes de compreender as suas questões comunitárias através de uma partilha mútua de experiências que os transforma em possíveis agentes de mudança pessoal e social.

Carolina Wang (2006, p. 159-160) aconselha uma estratégia fundamentada em nove etapas para mobilizar a ação comunitária através do uso do Photovoice, devendo estas nove fases serem desenvolvidas de tal ordem:

1. Identificar os decisores políticos na comunidade com algum perfil de liderança comunitária.
2. Recrutar um grupo de jovens participantes para o Photovoice.
3. Introduzir a metodologia Photovoice aos participantes e facilitar uma discussão de grupo sobre imagem, poder e ética.
4. Obter o consentimento informado.
5. Identificar um ou mais temas para as fotografias.
6. Distribuir as câmaras para os participantes e rever como usá-las.
7. Dar tempo aos participantes para tirar as fotografias.
8. Promover reuniões para discutir as fotografias e identificar os recursos e problemáticas comunitárias.
9. Planeamento partilhado dos formatos de disseminação das imagens fotográficas e histórias produzidas

Em linha com o exposto, Rodrigues (2008) explica que o Photovoice tem como principais objetivos:

- 1) Capacitar os indivíduos para identificar e refletir sobre aspetos da sua própria identidade e experiência pessoal e comunitária (potencialidades e problemas da sua comunidade);
- 2) Promover o diálogo crítico e o conhecimento sobre aspetos importantes da sua comunidade através de grupos de discussão acerca das fotografias;
- 3) Projetar a visão acerca das suas vidas a outros, especialmente poderosos agentes políticos e financeiros (audiência).

Nesta metodologia são característicos projetos com base num processo que se operacionaliza através de sessões de trabalho, “onde se procura o envolvimento das pessoas em situação de desfavorecimento social, através da identificação dos aspectos positivos e negativos, bem como de melhorias ao nível da intervenção social” (Rodrigues, 2008). No decorrer do processo é fundamental a participação e o envolvimento dos participantes enquanto representantes de uma experiência de vida, na identificação das suas capacidades e na priorização das suas preocupações, necessidades ou políticas (Wang & Burris, 1997). Ou seja, é um processo que carece, obrigatoriamente, da participação e implicação dos participantes.

É uma metodologia acessível à maioria das pessoas (não é necessário saber ler ou escrever) e bastante flexível que pode ser adaptada a diferentes objetivos, nomeadamente, ao nível da avaliação de necessidades e levantamento de recursos, para diferentes grupos e comunidades ou a diversos temas ou políticas comunitárias.

O Photovoice dá voz aos membros das comunidades com menos recursos ou estatutos socioeconómico, desenvolvendo as suas competências sociais e pessoais e realçando o poder da comunicação através da imagem:

By sharing and talking about their photographs, they use the power of the visual image to communicate their life experiences, expertise and knowledge. As they engage in a group

process of critical reflection, participants may choose to become advocates for change in their communities (Wang, 1998: 75).

Assim, as pessoas podem identificar, representar e valorizar a sua comunidade através da fotografia (Wang & Burris, 1997), aliando as imagens que refletem necessidades, desejos, forças e dificuldades dos intervenientes numa comunidade ou grupo.

Destaque para a importância do investigador/mediador da intervenção que assume o papel de facilitador da mudança e define a orientação desta metodologia para a promoção da participação e para o exercício da cidadania.

Este tipo de metodologia participativa está assente numa rutura com os modelos tradicionais da investigação científica, constituindo-se o Photovoice como um processo de âmbito colaborativo que se centra nas competências e necessidades de cada indivíduo.

Considerando os propósitos já definidos, seguidamente são destacadas algumas vantagens e benefícios da utilização deste método; contudo serão apresentadas também algumas desvantagens ou limitações da sua aplicabilidade.

<b>BENEFÍCIOS/VANTAGENS</b>	<b>LIMITAÇÕES/DESVANTAGENS</b>
- Processo adaptado e possível de participação a diferentes tipos de pessoas;	- Complexa capacidade de mobilização de instituições ou agentes políticos para o desenvolvimento de projetos;
- Processo flexível e adaptável a diferentes objetivos, grupos, comunidades, temas ou políticas comunitárias;	- Elevados custos de logística e materiais para a execução de projetos;
- Recurso a novas tecnologias e desenvolvimento do conceito de info-exclusão;	- Dinamização de projetos com duração prolongada, elevado tempo despendido;
- Metodologia com valorização do poder da imagem como forma de comunicação;	- Método inacessível à participação de pessoas com limitações (invisuais);
- Processo estimulador da participação em comunidade.	- Reduzida representatividade e validade da investigação participativa.

Na base de um qualquer projeto de fotografia participativa está em destaque a capacidade do participante tirar fotografias contudo, esta metodologia é muito mais do que o simples acto de ‘pressionar o botão do obturador’. No processo de Photovoice valorizam-se as opiniões, interpretam-se e discute-se o significado das imagens, estimula-se a comunicação em grupo, habilitando o participante para a sua capacidade de saber falar e sobretudo ouvir um grupo, fazendo parte dele e das sessões que integra; concomitantemente, os participantes vêem-se envolvidos no processo de defender os seus pontos de vista que visem melhorar a sua própria comunidade.

Os registos de imagens capturadas através da metodologia do Photovoice contam ‘histórias’ que identificam as várias preocupações e necessidades dos seus participantes numa perspetiva muito própria de cada indivíduo que integra uma comunidade. Tal como explica a Associação de Fotografia e Vídeo Participativo (FOS)

“As imagens são depois utilizadas para identificar problemas sociais, criar diálogo e promover mudanças na sociedade. Deste modo obtemos uma visão única do mundo de cada indivíduo que o partilha de um modo directo e poderoso, enérgico e pessoal. (...) Os projetos de fotografia participativa começam pelo desenvolvimento de competências em fotografia e em participação, permitindo o desenvolvimento do grupo e a conquista de confiança.”<sup>4</sup>

Em suma, o exercício de Photovoice permite perceber o mundo do ponto de vista das pessoas envolvidas, desconstruir preconceitos (Dixon & Hadjialexiou, 2005) e estimular grupos e comunidades a resolver os seus problemas, ou seja, promove a participação ativa das comunidades.

### **3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados**

A escolha das técnicas de recolha de dados é decisiva numa investigação, devido à necessidade de manter uma articulação entre os propósitos da investigação e as estratégias através das quais se pretende concretizar a mesma. Para além disso, as técnicas influenciam as escolhas efetuadas para a recolha de dados, podendo condicionar a dinâmica do projeto de investigação e os próprios resultados do projeto. Tal como defende Dias (2010, p. 90), “a natureza do problema de investigação determina o tipo de instrumento a utilizar na recolha de dados.”

Considerando que a metodologia selecionada para este projeto de intervenção – Photovoice - as técnicas e os instrumentos de recolha de dados selecionados serão preferencialmente qualitativos, procurando contribuir para o desenvolvimento de novas

---

4 FOS – Associação de Fotografia e Vídeo Participativo – Site - <http://www.fos.pt>

práticas sociais a partir do discurso de um conjunto de pessoas, o público-alvo definido para o projeto, ou seja, dirigentes associativos do Concelho da Batalha.

Tendo em conta os objetivos do estudo e a natureza desta investigação, o projeto será desenvolvido, tal como já foi referido no ponto anterior, segundo uma abordagem qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que, na investigação qualitativa, os dados recolhidos são descritivos, sob a forma de palavras ou imagens.

Face ao exposto, Carmo e Ferreira (1998, p. 103) explicam que “feita a observação, torna-se indispensável o seu rápido registo sob pena de se perder elementos valiosos.”

Tal como refere o autor Moura (2003) a principal finalidade da recolha de dados é registar exaustivamente todo o processo de investigação, de forma a ser possível refletir e avaliar continua e sistematicamente sobre o que nela aconteceu.

Assim, com a preocupação de proceder à recolha de dados, e em conformidade com as ideias aqui expostas, os dados foram recolhidos com o registo de diários de bordo, sustentados pelos registos fotográficos e de vídeo e ainda, através da aplicação de um questionário de avaliação.

### *3.1. Diários de Bordo*

“Os diários são por si uma forma atraente de recolher informação (...) não são apenas registos dos encontros ou apontamentos pessoais de pensamentos e actividades (...)” (Bell, 2008, p. 151).

Segundo Ander-Egg (2008), o diário é o relato escrito quotidianamente das experiências vividas e dos factos observados e, como referem Carmo e Ferreira (1998), o diário de pesquisa é um verdadeiro “diário de bordo”.

Considerando a natureza da investigação em estudo, surgiu a necessidade de registar todas as descrições das imagens selecionadas pelos participantes do projeto, designadas como narrativas fotográficas. Neste sentido, o investigador

anota também textualmente as conversas dos actores observados. Estes relatos descritivos vão constituir a informação sobre o local no qual evoluem os actores, bem como a sua

percepção da situação que eles vivem, das suas expectativas e das suas necessidades. (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1994, p.158)

Os registos nos diários de bordo são muito pessoais, refletindo assim, as preocupações e motivações do investigador. Neste seguimento, cada diário foi redigido após a realização de cada sessão, no qual eram registadas as intervenções dos participantes com as descrições e reflexões das imagens apresentadas para cada encontro, nos diários encontram-se, também, descritas as interpretações, sentimentos e avaliações do projeto pela sua investigadora. Nesta abordagem está presente uma dualidade dos tipos de notas registadas no trabalho de campo, reflexivas e descritivas (Bogdan & Biklen, 1994).

Segundo Zabalza (1994), os diários constituem-se como recursos valiosos de “pesquisa-ação” e são muito eficientes para a compreensão das reflexões e partilhas dos participantes integrantes de um projeto.

Considerando a implementação do Photovoice como método de investigação, julga-se essencial que a recolha de dados seja desenvolvida através de diários de bordo, constituindo-se estes como suportes para o registo das sessões dinamizadas, com base nos apontamentos e reflexões espontâneas da investigadora e nas narrativas fotográficas desenvolvidas pelas participantes do projeto, refletindo assim “a preocupação de descrever, analisar e interpretar todos os dados recolhidos” (Torre, 2007, p.35). Os diários, neste contexto de investigação são suportados por fotografias ou outros elementos audiovisuais (Bell, 2008; Zabalza 1994), como contributo para o registo e reflexão do investigador.

Neste contexto, Alves (2001, p. 224) demonstra que “o diário pode ser considerado como um registo de experiências pessoais e observações passadas em que o sujeito que escreve incluiu interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita.”

Assim, na presente investigação, o diário de bordo da investigadora foi utilizado como principal instrumento de recolha de dados.

### 3.2. Registo Fotográfico e de Vídeo

Nesta investigação e face aos pressupostos já identificados no ponto anterior, definiu-se, assim, a utilização dos registos fotográfico e de vídeo como instrumento de recolha de dados, constituindo-se como um meio complementar aos diários, pois os dados obtidos desta utilização sustentam as reflexões e perceções dos participantes.

Através da gravação das sessões, feita com câmara de filmar, foi possível o acompanhamento permanente dos comportamentos e perceções dos participantes nas diferentes sessões do projeto, assumindo uma dupla função: como instrumento de recolha de dados e como estratégia de promoção de reflexões no âmbito do projeto de intervenção a desenvolver.

Os registos facilitaram a observação e análise de todo o processo, permitindo uma recolha exhaustiva de dados que possibilitou uma visão mais global e precisa no momento da apresentação e análise dos dados.

Segundo Coutinho (2008, p. 28) “os meios audiovisuais são técnicas usadas (...) nas suas práticas de investigação e que se destinam a registar informação seleccionada previamente”.

Para Novaes (1998) o registo da imagem fotográfica é reconhecido, pela sua estrutura narrativa e carácter polissémico, e constitui um elemento que auxilia na análise de como significados são construídos, incutidos e veiculados pelos meios sociais.

Neste sentido, as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta “que promete frutos na medida em que se tentam sistematizar as suas informações, estabelece metodologias adequadas e oferece uma análise para a decifração de seus conteúdos” (Kossoy, 2001: 32).

Também a autora Esther Prins (2010, p. 428) salientou a amplitude que a imagem fotográfica pode oferecer aos “participantes que representem visualmente suas experiências (apresentando saberes), enquanto também aprendem a tirar fotografias (saber prático), interagindo de diferentes maneiras com pessoas distintas (saber experimental) e desenvolvendo novas compreensões conceituais (saber proposicional)”.

A fotografia, na investigação participativa, serve como uma alternativa ao registo escrito e estimula os participantes para o manuseamento de equipamentos de registo em fotografia.

Considerando a metodologia definida para a presente investigação, o instrumento de recolha aqui em destaque, constitui-se essencial para o suporte da recolha efetuada a partir dos diários de bordo, sendo igualmente importante a sua utilização.

### 3.3. Questionários

Com o decorrer das sessões, e considerando o envolvimento e interesse dos participantes do projeto, a investigadora sentiu a necessidade de aplicação de um **Questionário** do tipo aberto, com o objetivo de conhecer a avaliação pessoal dos intervenientes no projeto. O questionário era constituído por um conjunto de questões (anexo VII), com preenchimento *online* e pretendia identificar o grau de interesse dos intervenientes do projeto e conhecer propostas para o desenvolvimento do projeto em causa, bem como, na criação de futuros projetos.

O recurso ao questionário do tipo aberto tem como pressuposto aquilo que Sousa e Batista (2011, p. 91) defendem, isto é, este tipo de questionário “proporciona respostas de maior profundidade, ou seja dá ao inquirido uma maior liberdade de resposta, podendo esta ser redigida pelo próprio”, aspeto que interessava particularmente para esta investigação.

O questionário é um instrumento de investigação que consiste num conjunto de questões apresentadas por escrito com o objetivo de obter informação básica ou avaliar o efeito de uma intervenção quando não é possível fazê-lo de outra forma (Coutinho, 2008). O questionário permite conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas (Gil, 2006). Há, no entanto, ressalvas quanto ao uso de questionário em estudos qualitativos. Bogdan e Biklen (1994) argumentam que nesses estudos “não se recorre ao uso de questionários” (p.17), uma vez que qualquer “questionário reflecte os interesses daqueles que os constroem” e as “pessoas que se sentam e o preenchem modificam o seu comportamento” (p.68).

Contudo, e estando a investigadora consciente deste aspeto, o questionário apresentou-se como um instrumento de recolha de dados a ter em conta nesta investigação, uma vez que, mesmo sendo anónimo, permitiu a melhor caracterização de todos os participantes do projeto, ao mesmo tempo, que se avaliaram as perceções de participação dos intervenientes. Para além disso, o preenchimento deste inquérito permitiu conhecer propostas, sugestões e reflexões sobre o motivo de integração destes sujeitos no associativismo.

#### **4. Metodologia de Análise**

Considerando os instrumentos de recolha de dados abordados no ponto anterior e tendo em conta o projeto de investigação em estudo, pretende-se identificar e caracterizar as técnicas definidas para proceder à análise dos dados recolhidos no contexto da investigação proposta.

Segundo os autores Bogdan e Biklen, a análise de dados é um

processo de busca e organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros (1994, p.205).

Para Carmo e Ferreira (1998), a análise de conteúdos deve apresentar um conjunto de particularidades: objetiva, sistemática, pois deve ser ordenada e categorizada consoante os objetivos da investigação (Bardin, 2004) e, ainda, quantitativa, pela necessidade de contagem dos elementos evidenciados.

Neste contexto, Judith Bell (2008, p. 183) considera que “o trabalho do investigador consiste em procurar continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e questões de importância significativa”. (p. 183)

Como salienta Bardin (2004), a análise de conteúdo não deve ser considerada apenas para se proceder a uma descrição do conteúdo mas sim, para a interpretação desses dados e ainda, para adquirir conhecimento dos mesmos, considerando, então, que este tipo de análise “deve ser suficientemente ampla para permitir conclusões válidas” (Bell, 2008, p. 108)

No desenvolvimento da análise dos dados obtidos no âmbito deste projeto, foram definidas várias categorias de análise, correspondentes aos desafios propostos no decurso do projeto. A categorização dos dados permitiu a mais fácil interpretação dos dados, por forma a desenvolver a discussão dos resultados de investigação.

Revela-se, pois, a importância das categorias na análise de conteúdo.

Segundo os autores Carmo e Ferreira (1998, p. 252), citando (Grawitz, 1993), as categorias são “rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado”.

Na mesma perspetiva, Bardin (2004) considera que a informação em investigação na análise de dados deve ser categorizada, na medida em que “corresponde a uma transformação (...) que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação de conteúdo” (p. 97). Esta autora defende também que “no conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente, a mais antiga; na prática, a mais utilizada” (2004, p. 147).

## **5. Enquadramento Contextual da Problemática**

É possível constatar que o nosso país atravessa, atualmente, um grave momento de crise, sobretudo ao nível social e de valores, situação que afeta transversalmente toda a sociedade. Na opinião de Pedro Santos, “o associativismo, pelos seus valores e pelas suas dinâmicas, parece ser a melhor forma de resposta à crise. Através dele poderemos encontrar novas esperanças e alternativas para mudar o futuro.” (2016, p. 8-9) Considera este autor que numa sociedade carente de valores e ideias criativas, as estruturas

associativas, pela sua organização e força, estão mais capacitadas para gerarem externalidades positivas na sociedade.

Verifica-se, então, que o movimento associativo tem sofrido profundas alterações, muito em parte por contingências de um quadro económico pouco favorável e também pelas complexidades e imposições de novas exigências colocadas aos dirigentes associativos.

Na ótica de Carlos Henriques,

“Considera-se que (...) as coletividades/associações culturais, recreativas e desportivas contribuem, de modo decisivo, para a coesão e inclusão social com benefícios para as populações. Estima-se que as associações movimentem (...) voluntários, Homens e Mulheres e Jovens, que procuram fazer o seu melhor em benefício da sociedade e das comunidades onde residem, muitas vezes com prejuízo próprio, retirando tempo livre às suas famílias.” (2014, p.5)

De acordo com Sandra Lima Coelho, as organizações de tipo associativo podem constituir um “eixo fundamental em qualquer política de desenvolvimento, na medida em que são um pilar decisivo na construção de solidariedades, são a expressão de uma forma de vida em comunidade que favorece o exercício da democracia e da cidadania” (2008, p.10).

Em linha com o exposto, Pedro Santos defende que,

“As associações e os agentes associativos na maioria das vezes, na sua atuação (ou complementam) a ação das próprias organizações institucionais, respondendo às necessidades sociais sentidas em áreas tão diversas e transversais, como a saúde, a cultura, a educação, o desporto, o ambiente e a solidariedade social. (...) enquanto atores sociais, os agentes associativos, assumem o papel de protagonistas privilegiados da realidade social que os envolve e que atinge o seu espaço de intervenção. (...) O associativismo é, por isso, um forte potenciador do desenvolvimento humano.” (2016, p. 8-9)

Tomando como foco de análise o contexto empírico da presente investigação, pode dizer-se que o Concelho da Batalha, embora seja um território geograficamente de pequena dimensão, é intenso e com um significativo movimento associativo que se sente no Concelho da Batalha, onde estão sedeadas e devidamente formadas mais de 50 associações que, com grande esforço e elevado sentimento de missão, têm conseguido desenvolver, com maior ou menor dificuldade o seu trabalho, atuando nas mais diferentes áreas, como desporto, cultura, entre outras.

O Concelho da Batalha é composto por quatro freguesias, todas elas com características diferentes o que as particulariza umas das outras. As gentes, os costumes, a gastronomia, as suas manifestações culturais tornam-nas tão genuínas e ao mesmo tempo são estes elementos que as distinguem e valorizam na sua particularidade. Estas diferenças verificam-se, também, ao nível do movimento associativo concelhio, nomeadamente nos distintos interesses e nas áreas de intervenção das coletividades locais.

Considera-se que, em tempos idos, em muitas aldeias formaram-se associações pela necessidade de criar o chamado ‘clube’ da terra, constituindo-se este espaço como o único local de convívio da aldeia, uma vez que praticamente em quase todos os lugares do Concelho da Batalha, por mais pequenos que fossem, existia uma associação. Não quererá este facto dizer que estas coletividades estejam na sua totalidade ativas ou que sejam dinâmicas, pois por vezes verifica-se mesmo o contrário. Vários poderão ser os motivos para a inatividade, desde burocracia administrativa para legalização da associação, indisponibilidade de associados para prestar o apoio necessário ao funcionamento da mesma, o envelhecimento da população ou a emigração de sócios mais dinâmicos, entre outros fatores que, por vezes, conduzem ao abandono e encerramento das associações.

Neste âmbito,

“É função dos Municípios definir, desenvolver e conduzir uma política que promova o aparecimento e a realização de projetos culturais, recreativos, sociais e desportivos potenciados por cidadãos, a título individual ou por associação de reconhecida qualidade e de interesse para o concelho. (...) Neste quadro, compete ao município assumir papel dinamizador e facilitador das coletividades, tendo em vista proporcionar uma progressiva autonomia por parte das mesmas face à autarquia, nomeadamente, através da envolvimento das populações na vida dessas associações.”<sup>5</sup>

Deste modo, o Município da Batalha tem permitido às associações e aos seus agentes, através de várias ferramentas colaborativas e outros apoios, gerar maior notoriedade ao movimento associativo concelhio. Paulo Batista dos Santos, Edil, reconhece “que o Município atribui ao movimento associativo e às centenas de voluntários que de forma graciosa e com elevado sentido altruísta, acrescentam pelo seu trabalho e exemplo mais

---

5 In Regulamento de Apoio ao Desenvolvimento Cultural, Social, Recreativo e Desportivo do Município da Batalha. A experiência de cerca de três anos de aplicação do Regulamento de Apoio ao Desenvolvimento Cultural, Social, Recreativo e Desportivo do Município da Batalha, publicado na 2ª Série do Diário da República em 31/05/2005.

valor ao nosso território e, nessa medida, contribuem para um concelho mais dinâmico que proporciona uma melhor qualidade de vida.”<sup>6</sup>

Como destaca António Pinto (2016, p 6-7),

O grande desafio do futuro das nossas coletividades dependerá da sua capacidade de organização e colaboração. A solidariedade será o nosso desafio e a entreaajuda ditará a nossa sobrevivência. Com estas condições os objetivos do movimento tenderão a ser enquadrados nas questões sociais, numa dinâmica mais coletiva e mais comunitária.

Face aos propósitos acima expostos, com o projeto de intervenção apresentado, propõe-se através da metodologia do Photovoice promover o questionamento e a autorreflexão dos dirigentes associativos do Concelho da Batalha, sendo estes sujeitos que detém um papel importante na dinamização da comunidade, nomeadamente no âmbito da intervenção e criação cultural.

## **6. Sujeitos Participantes do Projeto**

O conjunto de sujeitos participantes definido para a presente investigação centra-se nos dirigentes associativos do Concelho da Batalha, num total sete participantes, conforme características metodológicas do Photovoice.

“A população é o conjunto de elementos que fazem parte de um determinado território, que possuem aproximadamente características comuns e que serão objecto de estudo, submetidas ao processo de tratamento, análise e interpretação.” (Dias, 2010, p. 61)

A escolha dos sujeitos que incorporaram este projeto foi definida pela sua integração em associações geograficamente localizadas em diferentes freguesias do Concelho da Batalha, pretendendo, assim, perceber o tipo de influência do meio em que as instituições estão inseridas. Considerou-se também necessário, selecionar coletividades que apresentem diferentes áreas de atuação, nomeadamente no desporto, cultura, artes e outras tipologias de atividades dinamizadas nas pelas associações que integram a presente investigação.

---

6 in mova.batalha.cm-batalha.pt

Assim, foram convidados a participar neste projeto dirigentes associativos do Concelho da Batalha, num total de sete pessoas, de diferentes faixas etárias, todas do sexo feminino. Aceite o convite, foi remetida ficha de inscrição (anexo II) para o devido preenchimento de cada participante e termo de consentimento (anexo III) para que todas tivessem conhecimento das condições e métodos definidos para a presente investigação.

De modo a caracterizar os sujeitos participantes desta investigação foram utilizados os dados recolhidos pelos questionários aplicados. Neste sentido, é possível definir que a totalidade dos sujeitos é do sexo feminino, dois elementos não residem no Concelho da Batalha e as restantes cinco habitam em lugares deste concelho, conforme dados refletidos no gráfico n.º 4 do anexo VIII.

O grupo de intervenção deste projeto apresenta, na sua maioria (cinco elementos), pessoas com idade entre os 18 e os 34 anos e as restantes integram a faixa etária dos 35-64 anos (uma pessoa) e + de 65 anos (uma participante).

Ao nível das habilitações literárias, três participantes detêm licenciatura e o mesmo número apresenta outro grau académico não definido, considerando-se que será superior (Mestrado ou outro), sendo que apenas um elemento tem formação ao nível do ensino secundário (no gráfico n.º 3, anexo VIII).

No que se refere às diferentes tipologias de função/condição em que se encontram na sua associação, cinco participantes, pertencem à direção da coletividade, duas intervenientes compõem a assembleia geral e outras duas dirigentes definem outro cargo não especificado de função na associação.

Para melhor caracterizar o grupo de intervenientes do projeto de investigação, seguidamente remete-se uma breve descrição das áreas de atuação das mesmas, bem como um breve resumo das principais atividades das associações (informação mais detalhada no anexo IV) que as participantes integram.

**PARTICIPANTE A** - Integra a associação Arte Sem fim, com sede na Batalha, há dois anos, ou seja, desde a sua constituição. Com habilitação profissional na área de artes visuais, a participante com 48 anos de idade encontra-se em permanência na coletividade a dar apoio aos objetivos e missão defendida na fundação da mesma, nomeadamente na promoção e desenvolvimento de práticas culturais junto da comunidade que visam

contribuir para o melhoramento dos tempos livres dos seus associados e não associados, desenvolvendo várias iniciativas, como dinamização de projetos artísticos, conferências e *workshops*.

PARTICIPANTE B – Com uma licenciatura em Fisioterapia, é atualmente a presidente da Associação Cultural e Desportiva do Rio Seco, localizada na Freguesia de Reguengo do Fetal no Concelho da Batalha, para dar continuidade ao trabalho já desenvolvido nos últimos anos pelos pais na constituição da associação. Detentora de condições próprias para a prática desportiva, a coletividade tem organizado um conjunto de iniciativas que registam grande adesão. Recentemente, criaram o Clube de Xadrez, cujos participantes já foram distinguidos em diversos torneios e regista grande participação dos jovens locais.

PARTICIPANTE C – Apesar de não residir no Concelho da Batalha, esta dirigente associativa com 66 anos de idade apaixonou-se pelo trabalho da mais recente associação constituída na Vila, a Arte Sem Fim. O seu percurso nesta coletividade começou como voluntária, mas rapidamente se interessou pelas várias atividades da associação e recentemente integrou a direção contribuindo para a promoção e divulgação das diversas atividades culturais realizadas.

PARTICIPANTE D – Formada em Arquitetura, representa neste momento a União Cultural e Recreativa de Santo Antão, uma associação que desenvolve e fomenta a participação em atividades lúdicas e culturais. Esta coletividade, devido à falta de elementos, esteve inativa durante alguns anos, tendo reaberto as suas portas com o auxílio dos indivíduos mais jovens, do lugar de Santo Antão. Esta participante, enquanto elemento constituinte deste grupo, dinamiza sobretudo eventos destinados à camada mais juvenil, como Provas de BTT, concertos com bandas de garagem, entre outras.

PARTICIPANTE E – Integrou o Centro Recreativo de Alcanadas por acompanhamento de um familiar e assume as suas funções numa associação que dinamiza ações para o desenvolvimento do enriquecimento cultural da população, promove a prática desportiva e o convívio entre os associados. Esta coletividade tem também desenvolvido diversas atividades relacionadas com a defesa do meio ambiente, algumas recolhas relacionadas com a extração do carvão na Mina das Barrojeiras, bem como a organização do percurso pedestre “Mata do Cerejal”

PARTICIPANTE F – Incorpora a única associação da Freguesia da Golpilheira, o Centro Recreativo da Golpilheira que se tem destacado no panorama associativo concelhio e da região, com o desenvolvimento de diversas áreas, sendo o desporto e a cultura as mais representativas. Formou a Orquestra Ligeira da Golpilheira, já extinta, mas por outro lado incentiva e dá continuidade ao trabalho desenvolvido pelo Rancho Folclórico “As Lavadeiras do Vale do Lena” que integra esta associação. Destaque também para a formação do “Jornal da Golpilheira”, mensário local.

PARTICIPANTE G – Com formação na área da Arquitetura, dedica os seus tempos livres na formação de jovens atletas de Andebol, pois integra o BAC - Batalha Andebol Clube, que conta já com 16 anos de existência e que tem como principal objetivo fomentar a prática desportiva da modalidade no Concelho da Batalha, movimentando cerca de 160 atletas. Com especial relevância aos escalões de formação, esta associação desportiva promove a aprendizagem desportiva e cívica de centenas de jovens. Recentemente dinamiza um projeto relacionado com a responsabilidade social com a prática do desporto adaptado a cidadãos portadores de deficiência.

## **7. Projeto de Intervenção com Photovoice**

Recorrendo à aplicação da metodologia do Photovoice, pretendeu-se, que através da fotografia, os participantes escolhidos pudessem ter voz e comunicassem através da imagem, refletindo sobre o seu envolvimento e a intervenção artística que desenvolvem através do associativismo.

Na implementação do projeto, foram definidas estratégias para atingir os objetivos propostos, apostando mais concretamente, em promover competências pessoais ao nível da comunicação visual entre os participantes e estimulá-los a refletir a partir das fotografias e dos debates criados ao longo do processo, desenvolvendo através destes, as suas bases identitárias e raízes culturais, problemáticas e necessidades no seu meio associativo.

No projeto apresentado, as imagens representaram as experiências e vivências de dirigentes associativos do Concelho da Batalha, enquanto responsáveis por uma coletividade da sua comunidade, projetando nas fotografias apresentadas a sua própria reflexão sobre o seu papel e a sua missão no meio em que está integrada a coletividade, derivando resultados muito próprios pelas diferentes personalidades e experiências partilhadas no mundo associativo.

O projeto de investigação foi dinamizado entre março e junho do corrente ano e contou com a participação de sete dirigentes associativos do sexo feminino e que, tal como já se disse, integram associações de diferentes áreas de atuação, sedeadas em diferentes freguesias do Concelho da Batalha.

Na base do tema escolhido para o desenvolvimento do presente projeto está o facto da sua autora ter fundado e integrar presentemente uma associação sedeadada na Batalha dedicada às artes. Este motivo desencadeou o âmbito desta investigação onde se quis acima de tudo, perceber como outros dirigentes associativos percecionam a ‘sua’ Batalha em diferentes áreas, bem como a sua intervenção nas associações, deixando como resposta aos desafios propostos a sua própria visão e ponto de vista em diferentes questões sobre o seu agir, a sua comunidade e sobre a Batalha.

Uma das principais motivações que a investigadora deste projeto sentiu e que a fez entrar no mundo do associativismo local, prende-se com o que a própria considera como desinteresse e falta de vontade dos dirigentes associativos na participação na cultura, seja enquanto público ou como promotores/agentes culturais. Deste modo, também este projeto pretende, através dos desafios propostos, perceber a ligação dos seus participantes à cultura na Batalha, percecionando o grau de participação cultural dos mesmos.

Tendo por base o modelo de constituição de um projeto de Photovoice, a presente investigação assentou num processo constituído por três fases, que serão apresentadas de seguida, podendo as mesmas ser consultadas detalhadamente no anexo I – Planificações das Sessões de Photovoice:

1. Preparação: Esta etapa constituiu-se por um conjunto de tarefas que visava a elaboração e criação do grupo e do projeto, onde foi possível a clarificação e definição da

problemática em estudo, relacionando-a com os objetivos gerais e específicos da investigação. A planificação de atividades em parceria com outras instituições e a definição e confirmação do local definido para a dinamização das sessões foi determinado nesta fase do projeto, bem como os contatos e o recrutamento dos participantes.

Assim, foi escolhida a sede da associação cultural Arte Sem Fim para a realização das sessões práticas do projeto e neste seguimento foi garantido e providenciado todo o material de apoio às sessões, como a garantia de que todos os intervenientes tinham máquina fotográfica (preferencialmente digital), assegurando-se ainda outro equipamento como projetor, gravador áudio para registo das sessões e conforto do espaço para garantir a continuidade de todos no projeto.

2. Ação/Sessões práticas: Esta fase do projeto registou a maior duração do mesmo, considerando o conjunto de atividades propostas e que permitiram aos seus participantes o contacto com uma nova realidade, ‘dar voz’ às imagens que registaram para responder aos desafios que foram propostos no âmbito desta investigação.

Nesta etapa deu-se início às sessões práticas do projeto e, tendo em conta a metodologia de investigação utilizada – Photovoice - foi exibida aos participantes uma apresentação sobre a temática a abordar, identificados alguns conceitos, descrita a tipologia de sessões a desenvolver e algumas sugestões de experimentação com fotografia.

Para uma primeira aproximação à metodologia do Photovoice, foram criados alguns exercícios desenvolvidos em grupo, designados de Photogames, permitindo aos intervenientes o contacto com as máquinas e com as particularidades do inovador método investigativo.

Para cada sessão, que apresentava a duração aproximada de 90 minutos, foi definido um



Figura 1 - Grupo de participantes do projeto com Photovoice

desafio, isto é, era colocada uma questão, no final de cada sessão, sendo solicitado às dirigentes associativas que refletissem sobre o tema proposto para que na reunião seguinte apresentassem até 5 imagens que pudessem fundamentar. Estes desafios tinham como

temática um determinado assunto relacionado com a Batalha, a sua comunidade local e a sua intervenção na mesma.

Assim, a natureza dos desafios era extremamente importante, uma vez que eram estes que permitiam a consecução dos objetivos propostos nesta investigação, como perceber o grau de conhecimento e participação cultural dos sujeitos e compreender as representações dos participantes acerca do seu papel enquanto agentes culturais.

Compreender como é que a reflexão favorece a participação sociocultural na comunidade foi também um dos desafios propostos ao mesmo tempo que foram proporcionadas sessões práticas com visitas a exposições, eventos e equipamentos culturais da Batalha, como o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, numa experiência que fez todas as participantes sentissem algumas das dificuldades e limitações que pessoas portadoras de deficiência vivem diariamente, mas que por outro lado este museu consegue dar resposta. No âmbito desta visita foi proposto um desafio acessível, no qual, de olhos vendados, as participantes tiveram que interpretar um quadro sobre a Batalha de Aljubarrota através de uma explicação em áudio e com recurso a desenho.



Figura 1 - Desafio Acessível no MCCB

3. Finalização/Divulgação de Resultados: Na última fase da implementação do projeto, foi desenvolvida, em conjunto com todos os participantes, uma avaliação ao processo vivenciado pelas mesmas com o Photovoice e neste âmbito foram propostas quais as possíveis formas para divulgação pública dos resultados deste projeto de intervenção.

Neste momento, surgiram algumas sugestões que poderão vir a ser contempladas em futuros projetos a serem dinamizados por outras associações do Concelho da Batalha.

Para um total de 11 desafios propostos no âmbito do projeto foram produzidas no total 385 fotografias e neste contexto pretende-se que no âmbito deste projeto venham a ser divulgados os resultados, previsivelmente em outubro, através da dinamização de uma exposição, resultante dos diferentes registos e imagens apresentadas e com as respetivas narrativas fotográficas, a ter lugar na sede da associação onde decorreu o próprio projeto. Por forma a evitar não autorizações de publicação das fotografias, pelas próprias autoras, foi entregue às participantes do projeto o termo de consentimento para cedência de imagens, documento presente no anexo V.



## **PARTE III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A análise de conteúdo apresentada foi desenvolvida com base nos registos de áudio e vídeo que sustentaram a redação e reflexão dos diários de bordo da investigadora pretendendo que a mesma vá ao encontro dos conceitos expostos no enquadramento teórico.

### **1. Apresentação e Análise de Dados**

#### *1.1. Análise de Dados dos Diários de Bordo*

A apresentação dos dados é feita através de uma série de quadros – síntese qualitativas que oferecem uma visão, quer por participante, quer do conjunto das informações recolhidas no projeto de intervenção. Neste sentido, as temáticas, que se converteram em categorias de análise, emergiram nos discursos/reflexões dos participantes de investigação.

Apresentam-se os dados obtidos pela análise de conteúdo aplicada aos diferentes diários de bordo da investigadora (anexo VI), realizados ao longo do projeto, cujas sessões decorreram semanalmente.

No final de cada apresentação a investigadora do projeto redigiu individualmente cada diário, com base nas perceções registadas no decurso das sessões e com o auxílio das gravações (áudio) que permitiram o total registo das reflexões das intervenientes do projeto. Após a leitura e análise aos diários, foram definidas diferentes categorias correspondentes a cada desafio fotográfico proposto no âmbito do projeto, sendo

fundamentadas com evidências resultantes das narrativas fotográficas construídas pelas participantes. As categorias surgem, assim, por ordem de frequência.

Para melhor interpretação aos dados apresentados em cada categoria são também identificadas as imagens escolhidas por cada dirigente nos diferentes desafios.

Com o objetivo de apresentar uma leitura mais simples dos dados, as categorias apresentam-se organizadas por ordem crescente relativamente à frequência de entradas, registrando que as evidências foram codificadas de P para participante e A/B/C para identificar e distinguir as participantes.

### CATEGORIA: “O que Mais Gosta na Batalha?”

Tabela 1 – Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 2, realizada no dia 13/04/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<b>PATRIMÓNIO</b>	<p>“O Mosteiro da Batalha foi sem dúvida o meu elemento de referência... gárgulas, o rendilhado e outros apontamentos do estilo gótico (...) portas, que habitualmente estão abertas e não (têm visibilidade)” – P. A</p> <p>“O Mosteiro é o elemento representativo da Batalha, é o que nos faz ser conhecido em todo o lado e estende em seu redor a Vila e este é o local onde eu vivi, cresci enquanto pessoa, onde formei as minhas bases e a escola.” – P. B</p> <p>“(…) passado que mostravam o abandono e a degradação dos espaços envolventes ao Mosteiro e a imagem (...) valoriza os pormenores (...) restaurados e que contribuíram para o melhoramento da zona e do espaço que circundam o monumento (Mosteiro).” – P. C</p> <p>“(…) as cores magníficas que os vitrais projetam no interior deste monumento, (...) uma autêntica paleta de aguarela pronta a ser usada que direcionava para um caminho iluminado.” – P. E</p> <p>“(…) as nossas Raízes e (...) o património local, perdido no tempo, que eu gostava valorizassem e recuperassem.” – P. F</p> <p>“o Mosteiro é sem dúvida a imagem de marca (...). A imagem escolhida representa-me a mim na Batalha. Nada na Batalha faz sentido para mim se eu não estiver. Descobri que aqui, terei sempre o meu lugar. – P. G</p>
<b>CONVÍVIO</b>	<p>“As vivências são as coisas que mais gosto na Batalha ... valorizar o sentido da minha comunidade e o convívio com as pessoas... a Batalha ainda é muito rural e que todas as participantes foram criadas no campo, onde podemos comprovar com as nossas raízes” – P. D</p>



FOTO – P. A



FOTO – P. E



FOTO – P. F



FOTO – P. B



FOTO – P. C



FOTO – P. D



FOTO – P. G

**Figura 3** – Registos Fotográficos das participantes – DB2

Após a análise reflexiva à tabela 1 é possível apontar que a subcategoria **Património**, na ótica da sua valorização, foi identificada por praticamente todas as participantes deste projeto. Assim, como o elemento de destaque nos aspetos que mais gostam na Batalha, as participantes reconheceram no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, nas diversas características arquitetónicas que o integram, a sua referência de nacionalidade e de representatividade da Batalha. Por outro lado, regista-se no grupo que o **Convívio**, que o associativismo proporciona às participantes, é valorizado por uma dirigente associativa, considerando que as pessoas, no contexto de convivências e partilha de experiências,

transformam a Batalha, na opinião desta participante, num lugar único, pois ‘estas pessoas’ não existem em outros espaços.

**CATEGORIA: “O que Menos Gosta na Batalha?”**

Tabela 2 Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 3, realizada no dia 20/04/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<b>(Degradação do) PATRIMÓNIO</b>	<p>“A vegetação demasiadamente grande (...) transforma-se num péssimo cartão-de-visita para quem chega à Batalha (...) de transportes públicos e dão de caras com lixo, espaço desmazelado, edifícios sujos e outros aspetos que não dignificam o que a Vila da Batalha realmente é.” – P. C</p> <p>“O estado de degradação de alguns espaços que se foram perdendo no tempo (...) o perigo que (...) representam. Espaços desocupados e isolados atraem atitudes e comportamentos (...)” – P. G</p> <p>“(…) edifício com história (...) poderia acolher um projeto cultural beneficiando de uma localização privilegiada e que recuperado torna-se interessante para um projeto que refletia os objetivos da associação que eu integro.” – P. A.”</p> <p>“(…) a degradação de espaços outrora vividos (...) pertencem ao meu dia-a-dia e sinto alguma preocupação quanto à sua sentença de abandono e a ruína. (...) a imagem representa a realidade de algumas ruas do Concelho da Batalha.” – P. D</p> <p>“(…) património de todos degradado (...) uma gárgula e um pináculo do Mosteiro da Batalha com sérios problemas de degradação.” – P. E</p> <p>“(…) a consequência de um incêndio decorrido em 2003, (...) mas nunca é de mais a prevenção e o desenvolvimento de medidas para agir em situação de emergência.” – P. B</p>
<b>PESSOAS</b>	<p>“(…)As pessoas, a degradação e o espaço público (...) as pessoas (da Batalha), (...) das suas atitudes e comportamentos nesta comunidade. (...) A influência das pessoas num meio tão pequeno como a nossa Vila” – P. G</p>



FOTO – P. B



FOTO – P. C



FOTO – P. D

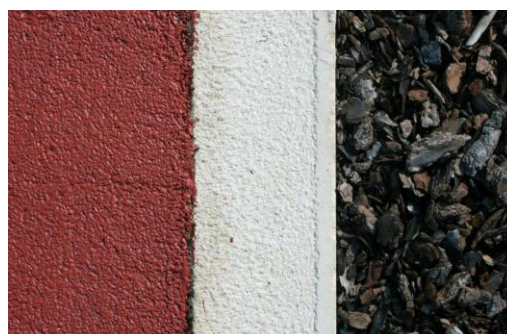


FOTO – P. G



FOTO – P. A

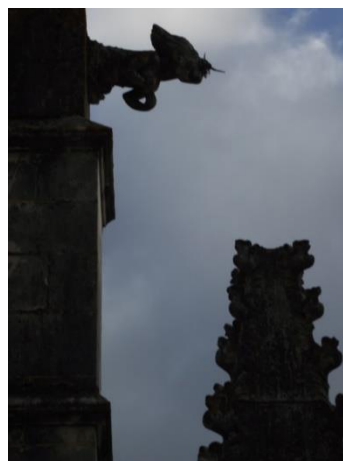


FOTO – P. E

**Figura 4** – Registos Fotográficos das participantes – DB3

Não estiveram presentes todas as participantes na sessão, pelo que apenas foi possível apresentar as reflexões de seis participantes e não da sua totalidade. Analisando a categoria em destaque na tabela 2 são definidas diferentes subcategorias. Deste modo, o conceito de degradação de **Património**, na perspetiva do abandono de edifícios (públicos e privados) e do património (natural e edificado) é evidenciado por seis elementos, representando assim a subcategoria mais valorizada como resposta à pergunta “O que menos gosta na Batalha?”.

Um aspeto de realçar é que neste desafio, as participantes identificaram os elementos que consideraram mais negativos na sua comunidade e, ao mesmo tempo indicaram possíveis soluções a ser implementadas pelas entidades locais, a fim de os combater sobretudo ao nível da recuperação e reconstrução de edifícios e outros espaços que poderão constituir-se como espaços para usufruto cultural da comunidade.

Ainda neste contexto, verifica-se que uma participante do projeto reconhece que as **Pessoas** da Batalha, caracterizadas pelas suas atitudes e comportamentos, são o aspeto que considera como componente negativa sobre a comunidade da Batalha.

CATEGORIA: “Quais as Memórias mais significativas da Comunidade / Batalha?”

Tabela 3 - Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 4, realizada no dia 27/04/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<b>PATRIMÓNIO</b>	<p>“(Edifício) tem um papel muito importante para a comunidade (...) trouxe muita riqueza para a população (...), mas a Batalha esqueceu-se da história e da memória do que foi este espaço.” – P. B</p> <p>“os passeios em família aos moinhos de São Mamede (...) são algo muito importante.” – P. E</p> <p>“(...) o retábulo na igreja de Santo Antão (...), pois (...) foi roubado e depois regressou, foi o momento em que se recuperou a Igreja (de Santo Antão)” – P. D</p> <p>“o Mosteiro é uma referência artística para mim (...) memórias dos mercados (...) (em redor do Mosteiro)” – P. C</p>
<b>CONVÍVIO</b>	<p>“O marco dos correios. (...) Da aproximação da distância. O correio representa o facto de eu ter estado fora mas nunca ter estado longe.” – P. G</p> <p>“(...) a coletividade da Golpilheira, (...) e o povo todo se envolvia. Tudo (...) foi vivido e desenvolvido na coletividade.” – P. F</p> <p>“O convívio que possibilitou a minha integração (numa associação de Patinagem) (...) contribuiu para o relacionamento com as pessoas e ajudou a desenvolver competências pessoais” – P. A</p>



FOTO – P. D



FOTO – P. F



FOTO – P. E



FOTO – P. A



FOTO – P. B



FOTO – P. C



FOTO – P. G

Figura 5 – Registos Fotográficos das participantes – DB4

Considerando as várias reflexões registadas nas narrativas fotográficas, coloca-se em destaque a valorização do **Património** por quatro das participantes. Estas fazem referência, sobretudo às memórias e vivências partilhadas no Mosteiro, salientando,

também, a sua componente artística e de identificação desta comunidade. Fazem, ainda, menção às viagens em família, no seu tempo de infância, mas, que de alguma forma, se fundem na subcategoria **Convívio**. Esta subcategoria emerge no contexto de participações associativas, abordadas por três intervenientes, onde se alude às lembranças que recordam com mais saudosismo e que atualmente realçam como elemento que contribuiu para o seu crescimento pessoal.

**CATEGORIA: “O que me faz Participar na Cultura (da Batalha)?”**

Tabela 4 - Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 6, realizada no dia 11/05/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<b>CONVÍVIO</b>	<p>“(…) o contacto com pessoas com diversidades culturais e que me transmitem valores (…)” – P. F</p> <p>“(…) sentimento de trabalho realizado (….) enquanto organizadora e impulsionadora de pessoas para a realização de iniciativas. (….) aproxima(r) e relaciona(r) as pessoas numa comunidade.” – P. D</p> <p>“uma expressão artística que me interessa conhecer e visitar com outras pessoas, numa partilha de conhecimento, com os quais tenho o privilégio de integrar e participar por frequentar a Batalha.” – P. C</p> <p>“(…) a dinâmica de atividades ao convívio com outras entidades/clubes, (….) a troca de ideias, de saberes, de valores (….)” – P. A</p>
<b>PATRIMÓNIO</b>	<p>“(…) gosto de saber mais sobre a nossa cultura e sobre o nosso património (….)” – P. E</p> <p>“(…) o património arquitetónico, (….) no passado e no presente (….) o valor de tudo o que temos e a responsabilidade que sinto em relação a tudo isso. Não há cultura sem pessoas, nem pessoas sem cultura (identidade) (….)” – P. G</p> <p>“(…)para mim a cultura dá conhecimento (….) é pelo gosto de aprender, conhecer, conviver e viver mais.” – P. B</p>

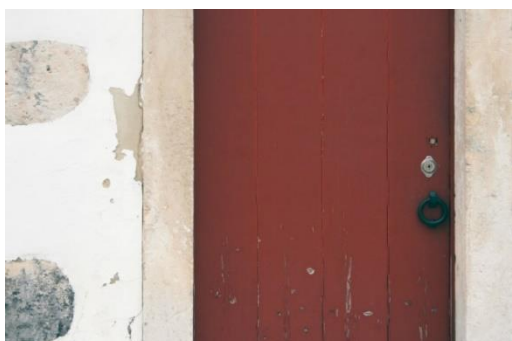


FOTO – P. G



FOTO – P. F



FOTO – P. B



FOTO – P. A



FOTO – P. E



FOTO – P. C



FOTO – P. D

Figura 6 – Registos Fotográficos das participantes – DB6

Pelas subcategorias resultantes na tabela 4 em análise, é possível perceber que as participantes demonstraram alguma dificuldade em expressar a sua própria interpretação do conceito de participação na cultura, aspeto bastante patente no tipo de imagens e reflexões apresentadas. Se por um lado, as participantes poderiam apresentar imagens que refletissem o seu papel enquanto agentes culturais, isto é, enquanto dinamizador/criador de cultura, por outro podiam destacar a sua participação como espectador/consumidor.

Neste sentido, em igual número de evidências registadas destaca-se a subcategoria **Convívio**, referindo-se à sociabilização e partilha, na qual quatro dirigentes associativas destacam a importância do convívio e experiências vivenciadas na sua comunidade, podendo esta participação ser enquanto consumidor ou promotor de cultura, valorizando sempre que possível, a sua capacidade para mobilizar outros nesta participação.

Noutra perspetiva, outros três elementos deste projeto reconhecem que o conhecimento do **Património** deve ser considerado como um fator de cultura e transmissor de sabedoria e descoberta de novos saberes.

**CATEGORIA: “O que considera Mais Autêntico na sua Comunidade (na Batalha)?”**

Tabela 5 - Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 8, realizada no dia 25/05/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<p><b>PATRIMÓNIO</b></p>	<p>“Quando falo da Batalha tenho sempre que destacar o Mosteiro e a beleza arquitetónica que representa para mim.” – P. C</p> <p>“A pacatez de uma Vila, sem grandes prédios em redor de um Mosteiro enorme e que representa tão grandemente um marco da nossa nacionalidade” – P. B</p> <p>“(…)o Mosteiro é um outro símbolo deste lugar, pois sem ele não existia a Batalha.” – P. E</p> <p>“A terra, a cor, a agricultura, o verde - o meio rural que nos envolve (...) como o Mosteiro onde tudo (se) encaixa (...)” – P. G</p>
<p><b>AS PESSOAS</b></p>	<p>“(…) o sentimento de autenticidade na minha comunidade é o Sr. Travaços, uma referência da Batalha (...)” – P. E</p> <p>“(…) talvez por já ter estado fora algum tempo, são as pessoas, pois são elas que fazem a diferença de um local.” – P. D</p>



FOTO – P. B



FOTO – P. D



FOTO – P. G

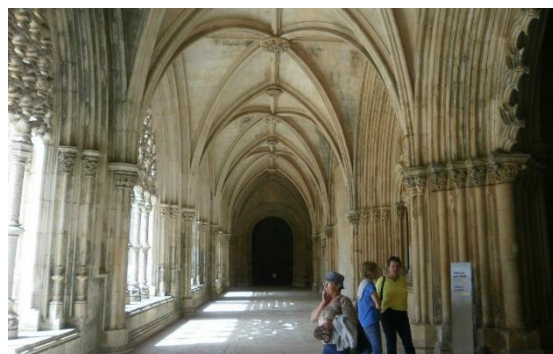


FOTO – P. C



FOTO – P. E

Figura 7 – Registos Fotográficos das participantes – DB8

Para dar resposta ao desafio proposto “O que considera mais autêntico na sua comunidade?” e fazendo uma abordagem às facilidades/dificuldades sentidas pelas participantes do projeto, tiram-se duas perspetivas gerais: o **Património** (Mosteiro) e as **Pessoas**. O Mosteiro emerge enquanto subcategoria, na perspetiva da sua autenticidade e do que o mesmo representa a nível histórico e para a sua comunidade.

A subcategoria Pessoas é neste contexto considerada por duas participantes, que reconhecem que as ‘pessoas da Batalha’ são únicas e transformam esta comunidade com características particulares de outros lugares. De salientar que, na sessão em análise e conforme destacado na tabela 5, não estiveram presentes todas as participantes, pelo apenas foi possível apresentar as reflexões de cinco participantes e não da sua totalidade, talvez por este facto as respostas tenham sido tão aproximadas.

**CATEGORIA: “Como defino o Meu Papel (enquanto dirigente associativo) na Minha Comunidade?”**

Tabela 6 - Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 9, realizada no dia 08/06/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<p><b>TRABALHAR COM A COMUNIDADE</b></p>	<p>“ (...) ajudar a minha comunidade a conquistar os seus objetivos, a divulgar o seu património (...).” – P. E</p> <p>“ (...) é trabalhar (...) nos bastidores para que o espetador/público poder desfrutar e não notar do trabalho que foi feito (...) as pessoas, (...) o que tiras das pessoas, o que dás às pessoas numa comunidade.” – P. D</p> <p>“ (...) chamar as pessoas e (...) libertar, uma terapia que as pessoas procuram para desabafar e resolver os seus problemas (...).” – P. A</p> <p>“ (...) a forma toco a vida de cada um (...) Sentir-me útil (...) há um pedacinho de mundo, que nem sempre é meu e que eu estou a conseguir mudar.” – P. G</p> <p>“ (...) colaborar nos projetos da associação e a partilha conhecimentos e acima de tudo aprendo muito com as pessoas. (...) gosto de ajudar os outros (...).” – P. C</p> <p>“ (...) juntar pessoas (...) a partilha (...) e a felicidade que se proporciona às pessoas. Eu sou o motor desta atividade, (...) a partilha e espirito de equipa necessários (...).” – P. B</p>



FOTO – P. A



FOTO – P. D

Essencial, empreendedora, resistente, humilde, trabalhadora.  
 Motivadora, especial, essencial, trabalhadora e fiel.  
 Amiga, humilde, conselheira, motivadora, divertida.  
 Motivadora, exigente, essencial, persistente, cheirosa.  
 Lutadora, persistente, amiga, massasahaha e a melhor treinadora de sempre.  
 Exigente, persistente, confiável, motivadora, essencial e muito importante.  
 Importante, conselheira, persistente, exigente, motivadora.  
 Motivadora, especial, trabalhadora, persistente e conselheira.  
 EMPENHADA, MOTIVADORA, ESSENCIAL, CONFIÁVEL, EXIGENTE, PERSISTENTE..... A  
 MELHOR TREINADORA DO MUNDO.  
 Motivadora, trabalhadora, dedicada, essencial e persistente.  
 Indispensável: trabalhadora, amiga, persistente, motivadora e dedicada.  
 Motivadora, amiga, fiel, trabalhadora e persistente.

FOTO – P. G



FOTO – P. E



FOTO – P. C



FOTO – P. B

Figura 8 – Registos Fotográficos das participantes – DB9

Como análise aos dados obtidos no tabela 6 e quando questionadas as participantes sobre como definem o seu papel (enquanto dirigente associativa) na sua comunidade, o conceito destacado por unanimidade, refere-se ao sentimento de missão, de **Trabalhar com Comunidade**.

Tendo apenas sido possível apresentar as reflexões de seis participantes, facto é que na totalidade as intervenientes deste projeto de investigação reconhecem que a dedicação aos outros, em prol do desenvolvimento de algo que é de todos, é a sua missão associativa.

**CATEGORIA: “O que posso Fazer pela Minha Comunidade/Batalha?”**

Tabela 7 - Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 10, realizada no dia 15/06/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<p><b>TRABALHAR COM A COMUNIDADE</b></p>	<p>“ (...) colaborar e transmitir conhecimentos (...) (com) todos os que desejarem interagir com a Associação.” – P. C</p> <p>“Cooperar nas iniciativas propostas e promovidas (...) com a comunidade, com as associações, com as entidades, com as pessoas.” – P. G</p> <p>“ (...) promover o convívio e a relação com o outro (...) desenvolver competências (...) Promover a cultura” – P. B</p> <p>“ (Sinto a) necessidade de criar mais união na minha comunidade. (...) A união faz a força.” – P. F</p> <p>“ (...) tentar incentivar as pessoas para se juntarem à nossa comunidade (...)” – P. E</p> <p>“(...) estou atenta, estou a observar e eu estou disponível (...) para partilhar ideias, para promover o bem-estar da comunidade(...)” – P. D</p> <p>“(...) o gosto por partilhar a arte como forma de comunicação e interação social e terapêutica.” – P. A</p>



FOTO – P. A



FOTO – P. B



FOTO – P. F



FOTO – P. C



FOTO – P. D



FOTO – P. E

**Figura 9** – Registos Fotográficos das participantes – DB10

Para as participantes deste projeto e conforme as evidências em destaque na tabela 7, é bastante consensual o **Trabalhar com a Comunidade**, quando questionadas sobre “O que posso fazer pela minha comunidade/Batalha?”. Na sua

maioria as participantes referiram, que enquanto dirigentes associativas poderão colaborar com comunidade, uma vez que o seu trabalho, enquanto voluntárias é centrado no bem-estar dos outros, defendendo os interesses de uma comunidade. Nesta linha de visão, é também valorizada a partilha que as próprias podem dar e ao mesmo tempo receber das experiências vivenciadas nestes contextos.

#### CATEGORIA: “O Associativismo Porquê?”

Tabela 8 - Análise de Conteúdo de Diário de Bordo da Sessão n.º 11, realizada no dia 22/06/2016

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
Ajudar a <b>COMUNIDADE</b>	<p>“Para poder ajudar a minha coletividade, contribuir para a continuidade da nossa história e não deixar que as tradições locais (a nossa cultura) se esmoreçam com o tempo.” – P. E</p> <p>“ (...) o associativismo é um desafio que (...) pode dar a ligação com as pessoas da terra (...)” – P. D</p>
<b>SOCIABILIZAÇÃO</b>	<p>“É uma forma de socializarmos, de criarmos coisas novas e já participei em diferentes iniciativas associativas e vou continuando em vários projetos aos quais me integro totalmente.” – P. A</p> <p>“ (...) grande amizade com todas as pessoas que fazem parte de uma associação. (...) como uma segunda família (...) grande cumplicidade entre todos (...)” – P. F</p>
<b>REALIZAÇÃO PESSOAL</b>	<p>“(...) porque as minhas raízes estão aqui e é nisto que eu tanto acredito, porque eu quero ficar, porque me fazem sentir que o que faço tem valor.” – P. G</p> <p>“ (...) alimenta muitas coisas dentro de nós, faz crescer, ganhar confiança, criar soluções em situações difíceis,(...) um crescimento pessoal e uma realização própria do trabalho desenvolvido no nosso tempo.” – P. B</p>
Partilha de <b>CONHECIMENTOS</b>	<p>“(...) uma ferramenta de crescimento individual ou coletivo, uma vez que é um meio de resolver problemas e outros interesses além de superar dificuldades e gerar benefícios para os associados (...). (...) aprender e partilhar ideias e conhecimentos (...)” – P. C</p>



FOTO – P. E

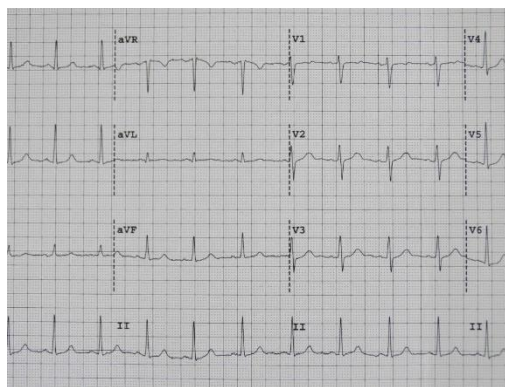


FOTO – P. D

Figura 10 – Registos Fotográficos das participantes – DB11

Embora inicialmente este desafio não estivesse previsto, reconheceu-se, como desfecho deste projeto, a necessidade de interrogação às participantes sobre o motivo pelo qual escolheram entrar no mundo associativo bem como, o porquê de continuarem.

Tal como se pode verificar na tabela 8 foram várias as subcategorias que emergiram dos discursos das participantes, surgindo evidências muito divididas. Por um lado, duas dirigentes consideram que a sua missão associativa se constitui em ajudar a sua **Comunidade**, dando continuidade a um trabalho já desenvolvido pelos seus antepassados e antecessores. Em outra perspetiva, também duas participantes reconhecem que o associativismo é muito importante para a fomentar a **Sociabilização**, pelo que no seio das associações locais se constituem ‘famílias’ e se constroem grandes amizades.

A **Realização Pessoal** é igualmente um elemento muito importante para as intervenientes deste projeto, pois foi neste mundo que as mesmas desenvolveram competências pessoais, promovendo um enriquecimento e crescimento muito positivo a nível pessoal. Ainda se regista a subcategoria referente à partilha de **Conhecimentos** que o associativismo pode favorecer aos seus dirigentes, sendo este conceito destacado por apenas um elemento do grupo de investigação.

Na sessão em análise, algumas das reflexões das participantes não foram apresentadas com recurso a imagem, mas a pensamentos livres sobre a questão efetuada no desafio proposto.

Em jeito de síntese, salienta-se que as categorias que emergiram, de uma forma transversal e reiterada nos diários de bordo da investigadora foram: **Património**,

## **Convívio, Pessoas, Trabalhar com a Comunidade, Comunidade, Sociabilização, Conhecimentos e Realização Pessoal.**

### *1.2. Análise de Dados dos Questionários*

No decorrer do desenvolvimento prático do projeto foi considerada a proposta de aplicação de questionário de tipo aberto, no qual se pretendia que as participantes da investigação refletissem sobre a sua integração neste processo, enquanto dirigentes associativas que são, e o que é que isso pode representar numa comunidade como o Concelho da Batalha.

Foram, então, definidas várias perguntas: por um lado, pretendeu-se conhecer a caracterização de cada interveniente, com referências ao tempo de integração e função na associação; por outro lado, pretendia-se que cada participante apresentasse um balanço final referente à integração neste processo, apresentando uma reflexão e avaliação pessoal.

Neste sentido, a primeira parte do questionário era constituído por perguntas fechadas, com opções condicionadas de resposta, uma vez que se pretendia conhecer um determinado conjunto de características das participantes (esta informação foi utilizada no ponto referente à caracterização dos sujeitos). A segunda parte do questionário era constituído por perguntas, com o intuito de conhecer a opinião das participantes e despoletar a sua reflexão, tal como já se disse.

Neste seguimento, foram definidas as categorias que correspondem às questões abertas que constam no questionário.

**CATEGORIA: “Qual o Desafio com que Mais se Identificou?”**

Tabela 9 - Análise de Conteúdo de Questionário – Questão n.º 10

<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>EVIDÊNCIAS</b>
<b>ACESSIBILIDADE DO MCCB</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- (...) um edifício com tanta história (MCCB) pode ser acessível a todos os tipos de visitantes...mas acima de tudo permitiu entender como é possível mostrar é fazer compreender as imagens culturais a pessoas invisuais.</li> <li>- (...) a visita ao museu porque me sensibilizou para a evolução que a Batalha teve, com maior abertura à Cultura e ao Turismo, que fazem desta Comunidade um dos melhores Municípios do País.</li> <li>- Museu muito interessante que cruza temas que me dizem muito Arte/ acessibilidade.</li> <li>- [o desafio no MCCB] Foi a questão mais desafiante e a que mais me fez pensar.</li> </ul>
<b>IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consciencialização de factos passados e atuais e da importância do associativismo na minha vida.</li> </ul>

Na categoria apresentada, praticamente a totalidade das intervenientes do projeto identificam a participação no desafio acessível, atividade dinamizada na visita ao MCCB, como sendo um dos mais interessantes, na medida em que lhes foram apresentadas diferentes perspetivas de acessibilidade. Numa atividade dinamizada com os olhos vendados, as participantes tiveram que interpretar um quadro sobre a Batalha de Aljubarrota através de uma explicação em áudio e com recurso a desenho. A participação neste desafio proporcionou uma nova experiência, ao contactarem com as dificuldades e limitações que pessoas portadoras de deficiência vivem diariamente e promovem reflexões de elevada importância para o associativismo nas questões da acessibilidade.

Por outro lado, verifica-se que uma participante destaca as reflexões que os desafios despoletaram relativamente à importância que o associativismo representa na sua vida.

**CATEGORIA: “Qual o Desafio em que teve Mais Dificuldade?”**

Tabela 10 - Análise de Conteúdo de Questionário - – Questão n.º 12

<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>EVIDÊNCIAS</b>
<b>REFLEXÕES SOBRE PROBLEMAS DO ASSOCIATIVISMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Por não haver ideias concretas e alguma instabilidade na associação a que pertenco, é difícil pensar num futuro: na solução.</li> <li>- O desafio de querer implementar atividades novas no meio.</li> <li>- O associativismo faz-nos pensar nos outros e fazer em prol dos outros, este foi o desafio que me fez pensar em mim e no meu papel [nas associações].</li> <li>- É sempre difícil definir o que podemos fazer (...) pois há tanto trabalho para fazer e tantas barreiras para ultrapassar é uma batalha dura e persistente.</li> </ul>

Nesta categoria algumas intervenientes apresentaram nas suas reflexões uma avaliação sobre a sua participação no projeto, refletindo sobre as limitações e obstáculos sentidas no contexto do associativismo em geral. Assim, emerge a subcategoria “**reflexões sobre os problemas do associativismo**”, onde se salientaram as reflexões que levam em linha de conta perspectivas de desenvolvimento para as instituições que as participantes integram, considerando as participantes que o estado atual do associativismo apresenta muitas dificuldades para o desenvolvimento de prognósticos futuros.

CATEGORIA: “**Em que medida a sua Participação neste projeto poderá Contribuir para a sua Atuação na Associação que integra?**”

Tabela 11 - Análise de Conteúdo de Questionário – Questão n.º 15

SUBCATEGORIA	EVIDÊNCIAS
<p><b>PARTILHA ENTRE DIRIGENTES ASSOCIATIVOS</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A partilha (...) entre todos seus participantes foi de extrema importância, (...) a vida de um dirigente associativo não é fácil mas o importante é batalhar pela concretização dos nossos objetivos.</li> <li>- O conhecimento e troca de ideias fortaleceu o conceito de associativismo e ajudou na forma como devemos trabalhar em/com a comunidade.</li> <li>- Fiquei mais alerta para a interação cultural com as outras associações.</li> <li>- Considero que o melhor conhecimento das atividades dos participantes contribui, de alguma maneira, para um encontro de ideias no futuro.</li> <li>- Este projeto fez-me refletir sobre a minha atuação no associativismo e o que (...) representa para o concelho e para a comunidade local. Ao refletirmos sobre os aspetos positivos e negativos faz-nos mudar a forma de pensar e atuar, bem como objetivar alguns aspetos que no dia-a-dia não pensamos neles.</li> <li>- Ao (...) conhecermos perspectivas diferentes, refletimos e tiramos conclusões. Todo este processo interior nos permite de alguma forma uma visão mais abrangente que nos possibilita a especificação e a evolução dentro da nossa Associação.</li> </ul>

Como análise à tabela 11, e em jeito de avaliação do contributo de participação no projeto em estudo, as intervenientes remetem as suas reflexões para uma análise sobre o seu papel no associativismo local. Neste âmbito, a **partilha entre dirigentes associativos** é o principal elemento que todas as participantes valorizam neste projeto, pois o processo de reflexão em grupo promovido nas sessões estimulou e despertou os participantes para realidades que desconheciam, ou até para situações idênticas no meio associativo local.

Em jeito de conclusão, as categorias que emergiram da análise dos questionários aplicados como avaliação de participação neste projeto foram: **Acessibilidade do**

## **MCCB, Importância do Associativismo, Reflexões sobre Problemas do Associativismo e Partilha entre Dirigentes Associativos.**

### **2. Discussão dos Resultados de Investigação**

Feita a apresentação e análise dos dados do projeto apresenta-se, agora a discussão e reflexão dos resultados. Far-se-á um cruzamento entre as contribuições teóricas apresentadas na primeira parte do trabalho e os dados apresentados a partir do trabalho empírico discutido no ponto anterior. Refira-se que, com este projeto, se procurou a reflexão dos dirigentes associativos no que se refere ao seu envolvimento cultural a nível associativo.

No âmbito do primeiro objetivo proposto para esta investigação e que visa compreender qual a importância atribuída à cultura, no âmbito do associativismo, enquanto elemento de desenvolvimento das comunidades por parte das dirigentes associativas, pode-se destacar que, antes de mais, e, tal como Santos (2014, p. 202) refere, a cultura assume um papel dinamizador para o desenvolvimento dos territórios, na qualificação dos cidadãos e das instituições, na medida em que pelos seus impactos diretos e indiretos, “permite[m] a valorização do património, na dinamização da economia local e na promoção do turismo.”

Com efeito e conforme destacado nas narrativas fotográficas desenvolvidas pelas participantes e registadas nos diários de bordo, é possível concluir que “*Não há cultura sem pessoas, nem pessoas sem cultura (identidade) (...)*” (DB 5), colocando, ainda, em realce que “*(...) o contacto com pessoas [e as] diversidades culturais (...) transmitem valores (...)*”(DB 5).

É nesta linha de argumentação que o autor Pedro Santos (2016) destaca a importância que o associativismo pode assumir numa sociedade carente de valores e ideias criativas. As estruturas associativas, pela sua organização e força, estão mais capacitadas para gerarem componentes positivas na sociedade e para encontrarem novas esperanças e alternativas para mudar o futuro. Esta opinião encontra eco nas reflexões das intervenientes,

nomeadamente quando personificam que “(...) *para mim a cultura dá conhecimento (...) é pelo gosto de aprender, conhecer, conviver e viver mais.*” (DB5) e, por outro lado, ao afirmarem que “[a cultura é] *uma expressão artística que me interessa conhecer e visitar com outras pessoas, numa partilha de conhecimento, com os quais tenho o privilégio de integrar e participar por frequentar a Batalha*” (DB5).

Neste contexto de investigação, considera-se que a cultura deve ser perspetivada, como um elemento agregador dos cidadãos na constituição de instituições associativas locais, pois, pela proximidade territorial dos indivíduos, é possível ir ao encontro de decisões mais acertadas e enquadradas com as especificidades dos lugares, como evidencia a reflexão apresentada pelas intervenientes, na qual é valorizado que o associativismo se constitui como “(...) *uma ferramenta de crescimento individual ou coletivo, uma vez que é um meio de resolver problemas e outros interesses além de superar dificuldades e gerar benefícios para os associados (...). (...) aprender e partilhar ideias e conhecimentos (...).*” (DB 9) e, ainda promove a necessidade de “(...) pensar nos outros e fazer em prol dos outros, este foi o desafio que me fez pensar em mim e no meu papel [nas associações]” (Registo do questionário – tabela n.º 10)

Na ótica de Carlos Henriques (2014), “(...) as coletividades/associações culturais, recreativas e desportivas contribuem, de modo decisivo, para a coesão e inclusão social com benefícios para as populações.” e, neste âmbito, no DB5 uma participante valoriza “(...) *a dinâmica de atividades ao convívio com outras entidades/clubes, (...) a troca de ideias, de saberes, de valores (...)*”, sendo também importante “(...) *chamar as pessoas e (...) libertar, uma terapia que as pessoas procuram para desabafar e resolver os seus problemas (...)*” (DB7).

Como resposta ao objetivo anteriormente anunciado, considera-se, tal como Coelho (2008), que as associações são a representação da vivência em comunidade na reestruturação das redes de sociabilidade e revelam-se fundamentais como meio de dar voz às necessidades dos cidadãos. Neste âmbito, os colaboradores que integram as associações locais devem rever-se nas realizações e dinâmicas da instituição, conseguindo a partir dessa realização pessoal dar mais de si, em prol do desenvolvimento local e do bem-estar dos cidadãos. Desta forma, entendem as participantes do projeto que é essencial “*cooperar nas iniciativas propostas e promovidas (...) com a comunidade, com as associações, com as entidades, com as pessoas.*” (DB8). Reconhecem, também, que o

associativismo “*é uma forma de socializarmos, de criarmos coisas novas e já participei em diferentes iniciativas associativas e vou continuando em vários projetos aos quais me integro totalmente.*” (DB9).

Em jeito de reflexão, as participantes reconhecem que, através das associações, e pela proximidade que os dirigentes têm no contacto com a cultura e realidade locais, é essencial a valorização dos elementos identitários dessa comunidade, podendo esta questão ser essencial para a definição das motivações que conduzem à participação sociocultural dos cidadãos na sua comunidade. Percebe-se, pelos dados apresentados, que a cultura, quer perspectivada na ótica do Património, quer das vivências e dinâmicas culturais – como o convívio - é entendida como fulcral no desenvolvimento das comunidades, onde as associações têm grande destaque.

Neste âmbito, a importância do convívio e experiências vivenciadas nas comunidades é fulcral para a participação dos indivíduos. Esta participação pode ser enquanto consumidor ou promotor de cultura, valorizando sempre que possível a sua capacidade para mobilizar outros nesta participação, “*(...) é trabalhar (...) nos bastidores para que o espetador/público poder desfrutar e não notar do trabalho que foi feito (...) as pessoas, (...) o que tiras das pessoas, o que dás às pessoas numa comunidade.*” (DB7). Reforça-se esta ideia com a reflexão das intervenientes do projeto: “*O convívio que possibilitou a minha integração (numa associação de Patinagem) (...) contribuiu para o relacionamento com as pessoas e ajudou a desenvolver competências pessoais*” - (DB 4), “[n]a Golpilheira, (...) o povo todo se envolvia. Tudo (...) foi vivido e desenvolvido na coletividade.”(DB 4), sendo destacado o trabalho em grupo, numa lógica de continuidade.

Em jeito de síntese, considera-se que a grande maioria das associações locais sem fins lucrativos não emergem de grandes fundos económicos e avaliando o espaço, os recursos existentes e as pessoas envolvidas, percebemos neste tipo de associações a preocupação social quando os associados disponibilizam do seu tempo para criar algo que acrescente valor e que permita o desenvolvimento das pessoas e das comunidades. Assim sendo, as dirigentes associativas deste projeto atribuem especial relevância à cultura, onde o património, quer material, quer imaterial, se apresenta como elemento fulcral no trabalho de desenvolvimento das comunidades.

Passar-se-á de seguida à análise do segundo objetivo definido para a presente

investigação: perceber o grau de conhecimento e participação cultural dos sujeitos do estudo. Conforme abordado por Trilla (2004, p. 335), “se considerarmos um prazer individual sobre esta participação associativa, deveremos ter em atenção que todos, sem exceção, têm o direito de acesso e desfrute desse mesmo tempo” e, é neste âmbito que os agentes associativos assumem uma responsabilidade sobre a programação de manifestações e iniciativas de caráter cultural, na tentativa de promover e integrar todos os cidadãos de uma comunidade numa participação ativa.

Reforça-se esta ideia na explanação de Fontes e Arcanjo (2012) que no conceito de comunidade valorizam o contributo das associações na criação de espaços acessíveis e disponíveis para todos, fomentando a participação da sua comunidade, ao mesmo tempo que proporcionam aos cidadãos um sentimento de pertença e identificação para com esses espaços/instituições. Reconhece-se, assim, que pela integração dos agentes associativos na sua comunidade, torna-se mais fácil a avaliação das necessidades e problemas da mesma, ao mesmo tempo que poderão dinamizá-la, criando sinergias e colaboração dos locais para potenciar uma participação ativa no desenvolvimento do território e da própria comunidade a nível social, cultural e ou educativo: “*Cooperar nas iniciativas propostas e promovidas (...) com a comunidade, com as associações, com as entidades, com as pessoas*” (DB8).

Por outro lado, está implícito que a integração de qualquer individuo numa instituição de natureza associativa deve ter garantida da sua parte uma participação ativa nos domínios cultural e social, conforme defende Marcelino (2008), estando ciente que, atualmente, torna-se cada vez mais exigente a capacidade de resposta às necessidades e requisitos da sua comunidade: “*(...) sentimento de trabalho realizado (...) enquanto organizadora e impulsionadora de pessoas para a realização de iniciativas. (...) aproxima(r) e relaciona(r) as pessoas numa comunidade*” (DB5).

Neste sentido, os dados apresentados revelam que é essencial que a programação de índole sociocultural, definida para comunidade, reflita uma preocupação para a representação das pessoas, promovendo assim o sentimento de pertença, facto este que favorece a colaboração e união de um território. Considera-se, então, que são as associações as responsáveis por dar ‘voz’ aos cidadãos junto das autoridades (locais ou governamentais), transmitindo as suas carências e demais problemas sociais e culturais. Numa ótica de participação cívica e integração social, o associativismo promove o

exercício da democracia e da cidadania.

Estas reflexões que emergiram como resultados do projeto permitem perceber que a linguagem fotográfica aproximou e despoletou a participação do grupo. A fotografia faz parte integrante da vida de cada um, auxiliando na exteriorização de emoções, na apreensão da realidade e no conhecimento sobre o que o rodeia cada indivíduo. A este propósito, Kachar (2009) valoriza que a foto é interpretada de acordo com os princípios e a cultura do observador, assim como assume significados singulares a partir das experiências de cada indivíduo.

Apresenta-se, de seguida, a discussão em torno do terceiro objetivo de estudo, que visava compreender as representações dos participantes acerca do seu papel enquanto agentes culturais.

Conforme apresentado na primeira parte do trabalho, reconhece-se que o movimento associativo, pelas suas práticas de valorização social e pessoal, não pode deixar de ser considerado como um dos antecedentes da animação sociocultural, onde a cultura, de acordo com Sarmiento (2015), “implica a interacção entre pessoas, grupos e instituições” e “está ligada à produção e ao intercâmbio de significados, entre membros de um grupo ou sociedade. São os agentes de uma cultura que conferem significados às pessoas, objectos, conceitos e acontecimentos.” Considera-se, assim, que a reflexão partilhada pelos participantes que integram o projeto vai ao encontro do apresentado, pois defende que cabe aos agentes culturais “(...) *trabalhar (...) nos bastidores para que o espetador/público [possa] desfrutar e não notar do trabalho que foi feito (...)*” (DB 7), ou seja, ser animador sociocultural.

Ainda na perspetiva apresentada, e tendo por base Vilaça (1993), destaca-se que as associações voluntárias são compostas por cidadãos que, em conjunto, executam funções interventivas junto da sua comunidade. Assumem assim como missão fomentar a integração de outros na sociedade e, essencialmente, a defesa dos interesses comuns em prol da defesa cultural. São considerados como “gente com fome de alimento para a mente, com fome de cultura” (Fontes, Sousa & Lopes, 2014).

Em linha com o exposto estes dirigentes são, acima de tudo, comunicadores, animadores socioculturais, que fomentam a sociabilização e conforme destacado por Ventosa (2009) se constituem como elementos “facilitador[es] da participación”.

Nos dias de hoje, os agentes associativos são, conforme evidenciam Sousa e Gonçalves (2016), indivíduos com formação cultural, capazes de ter pensamento crítico e que dedicam o seu tempo livre à criação e construção de uma mudança na sociedade através da dinamização das expressões artísticas. Para Fernández (2014) “atores locais são um verdadeiro motor para fazer da cultura um processo de promoção das culturas e dos povos.”, opinião semelhante à encontrada nas reflexões registadas nos diários de bordo:“(…) *juntar pessoas (...) a partilha (...) e a felicidade que se proporciona às pessoas. Eu sou o motor desta atividade, (...) a partilha e espírito de equipa necessários (...)*” (DB 7), ao mesmo tempo “(…) *promover o convívio e a relação com o outro (...) desenvolver competências (...) Promover a cultura*” (DB8) e “(…) *ajudar a minha coletividade, contribuir para a continuidade da nossa história e não deixar que as tradições locais (a nossa cultura) se esmoreçam com o tempo.*” (DB 9)

No contexto atual reconhece-se que a participação na cultura é uma prioridade e, cabe às associações culturais a possibilidade de mudança de comportamentos, sobretudo com a descentralização das atividades, num contexto de maior proximidade com a sociedade e com iniciativas a baixo custo e acessível a todos. No entanto, as participantes do presente projeto de investigação refletem a necessidade de contrariar esta tendência, ao “*Cooperar nas iniciativas propostas e promovidas (...) com a comunidade, com as associações, com as entidades, com as pessoas*” (DB8) e pela “(…) *a dinâmica de atividades ao convívio com outras entidades/clubes, (...) a troca de ideias, de saberes, de valores (...)*” (DB5)

A integração no associativismo local pode assim contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais dos elementos que as compõem, sendo através do convívio entre os dirigentes e a sua comunidade que se promove o conhecimento da realidade local, ao mesmo tempo que se identificam as necessidades mais prioritárias do território a vários níveis. Neste âmbito e com base na análise dos dados recolhidos na presente investigação, consta-se que a temática Convívio é uma das mais referenciadas como elemento integrador no associativismo. Poderá, assim, considerar-se que, por se tratar de meios rurais, as associações alvo de estudo estão próximas do contacto com as realidades locais e, deste modo, os agentes associativos são os portadores de cultura, atuando na defesa do seu território e no incentivo do desenvolvimento sustentado.

Conforme já abordado anteriormente, numa dimensão local a atividade cultural promovida pelas associações deve incitar o sentimento de apropriação por parte dos

indivíduos que nestas atividades participam, constituindo-se esta evidência como um fator de sucesso na atuação e intervenção das instituições e dos seus agentes associativos. Neste contexto e, conforme destacado por Serrano (2008), é essencial proceder à avaliação das experiências vivenciadas pelo público interveniente, de modo a perceber a eficácia e adequação da programação cultural.

Em linha com o exposto, considera-se então que estes participantes associativos dinamizam tarefas de desenvolvimento sociocultural das comunidades muito próximas das desempenhadas pelos animadores, sem com isso se dar conta, na medida em que o normal não lhes é suficiente, buscam novos desafios, propõem-se a ser interventivos, permitem-se à mudança, nunca procurando um benefício próprio, nem tão pouco um louvor sobre o trabalho que executam. Neste sentido, Sousa e Gonçalves (2016) reconhecem que o associativismo é um palco de experiências culturais, visando a criação de resoluções sociais, numa tentativa de consolidação e dinamização da comunidade em que se insere.

Ancorado no território, a ação cultural deve assentar nas especificidades locais e na promoção da identidade comunitária, constituindo-se como condutor de toda a intervenção projetual, o que implica uma mobilização atempada de vontades e a iniciativa dos diferentes atores locais. Enquanto dirigentes associativos, os dados revelam que as participantes se veem enquanto agentes culturais, devendo, por isso, criar um paralelismo sobre o que a cultura representa para a sua comunidade e quais as motivações que podem mobilizar a sociedade no associativismo, assumindo assim um papel dinamizador e criador de cultura, numa resposta às necessidades da sua comunidade.

Por este facto, importa destacar que outra das reflexões que regista maior número de incidências diz respeito ao Património, numa perspetiva de valorização, da recuperação pela degradação visível e pela proteção dos recursos locais, sejam estes edifícios públicos ou privados, ou de âmbito natural ou construído. Destacam-se assim algumas das reflexões colocadas em destaque pelas dirigentes associativas e que “impõem” uma necessidade de atuação urgente, pois “(...) as nossas Raízes e (...) o património local, perdido no tempo (...).” (DB2)

Neste sentido, as participantes consideram imperioso que os agentes locais assumam uma posição mais interventiva em várias vertentes, nomeadamente a cultural, necessitando

para isso do estabelecimento de parcerias, entre entidades governamentais, instituições associativas ou do cidadão comum. Pelo conhecimento das necessidades e problemáticas identificadas em cada contexto, as participantes do estudo reconhecem que o associativismo e os seus agentes devem ser considerados como um fator de cultura e veículo transmissor de sabedoria e descoberta de novos saberes.



## CONCLUSÃO

De acordo com a autora Coelho (2008, p.11) “o movimento associativo, através das suas diferentes estruturas, desempenha um papel insubstituível no contexto social global, fornecendo um contributo essencial dirigido ao interesse geral” e neste sentido as associações congregam indivíduos que, perante a sua condição de cidadãos ativos, pretendem agir e intervir numa comunidade, ou seja transformá-la. Compreender e identificar o nível de envolvimento e participação sociocultural dos cidadãos numa comunidade, relacionando-se como a componente de intervenção cultural de agentes associativos foram o principal enfoque da presente investigação.

O método Photovoice foi apresentado neste estudo como uma ferramenta metodológica central a todo o processo participativo (Wang e Burris, 1997) e, neste contexto, por ser considerado como um processo estimulador da participação em comunidade, os participantes do projeto são componente integrante na investigação, e o investigador assume o papel de elemento participante e integrante do processo investigativo.

No projeto apresentado, as imagens representaram as experiências e vivências de dirigentes associativos do Concelho da Batalha, enquanto responsáveis por uma coletividade na sua comunidade, projetando nas fotografias apresentadas a sua própria reflexão sobre o seu papel e a sua missão.

Em resposta à pergunta de partida definida para este estudo - Quais os contributos de experiências com a fotografia na reflexão sobre a intervenção/criação cultural (envolvimento cultural) entre dirigentes associativos? – importa referir que através da metodologia do Photovoice, as participantes que integraram este projeto refletiram sobre a necessidade de procura e participação cultural, analisando, sobretudo o nível do seu interesse no conhecimento das iniciativas dinamizadas pelas diferentes associações.

Estas reflexões tiveram eco na *praxis* quotidiana como se percebe pela seguinte evidência: “*Fiquei mais alerta para a interação cultural com as outras associações*” (resposta à questão n.º 15 do questionário).

Considera-se, então, que as imagens apresentadas por cada participante refletiram uma perceção visual muito própria da sua realidade, passando pelo inconsciente exercício autoral de quem produz a imagem, havendo uma necessidade prévia de reflexão das

participantes para a seleção de um conjunto de escolhas que fundamentaram as imagens apresentadas, numa interligação direta com as componentes cultural e pessoal de cada indivíduo.

Reconhece-se, assim, a importância que os agentes associativos podem representar, tendo os mesmos um conhecimento mais aproximado das necessidades territoriais, de criar dinâmicas culturais que, deste modo, desenvolvam o sentimento de apropriação cultural dos locais.

São cada vez mais os encargos deixados aos que integram pequenas associações com poucos recursos financeiros e humanos, que por estas limitações e pelo desgaste pessoal que a sua missão associativa os obriga, conduz ao cansaço e abandono de uma causa tão nobre e importante para o desenvolvimento de uma comunidade. Este facto é muitas vezes conducente ao encerramento de associações, sobretudo em meios mais pequenos e rurais como o Concelho da Batalha. Nesta perspetiva, devem então ser lançados novos desafios para os mais novos e para que estes se venham a interessar pelo associativismo local é necessário responsabilizá-los. Dar continuidade ao trabalho desenvolvido nestas instituições, tendo em vista a prospeção de desenvolvimento territorial, a sociabilização e como forma de combate ao abandono social, os novos agentes associativos deverão assumir uma missão para dar seguimento ao legado cultural que estas associações deixaram no seu meio.

O conjunto destas reflexões que foram desencadeadas ao longo das sessões proporcionaram, assim, a possibilidade de criação de sinergias entre as instituições representadas pelas participantes desta investigação, sobretudo pela eventual integração das mesmas na realização conjunta de eventos culturais, ou até de inclusão nos já existentes, julgando-se que juntas poderão dinamizar iniciativas complementares às necessidades locais das comunidades.

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação foram definidas estratégias que pretendiam desenvolver o âmbito deste estudo: - Promover competências de captação fotográfica e comunicação visual entre as participantes; - Estimular nos participantes a reflexão a partir das fotografias, promovendo debates onde fossem lançados para discussão referências às bases identitárias, raízes culturais, problemáticas e necessidades da sua comunidade.

Neste contexto e, para ir ao encontro dos objetivos da investigação, foram definidos objetivos específicos do projeto, que no decorrer deste processo se consideraram como cumpridos. Através das características definidas pela metodologia Photovoice foi promovido o diálogo crítico e reflexivo entre os participantes do projeto, tal como é evidenciado pela resposta de uma participante ao questionário de avaliação do projeto, que destaca que *“a partilha (...) entre todos seus participantes foi de extrema importância, (...) a vida de um dirigente associativo não é fácil mas o importante é batalhar pela concretização dos nossos objetivos.”*

Neste âmbito, a partilha entre dirigentes associativos foi o elemento mais valorizado pelas participantes, pois o processo de reflexão em grupo promovido nas sessões estimulou e despertou os participantes para realidades que desconheciam, ou até para situações idênticas às suas no meio associativo local, ao mesmo tempo que as fez refletir em respostas e em inovadoras formas de intervenção e participação.

Como resposta a alguns desafios propostos foi ainda possível estimular as participantes do projeto para uma procura de forma autónoma ao acesso e à fruição cultural na relação com as expressões artísticas, contribuindo para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e possibilitando às participantes uma nova experiência de vida.

Neste sentido, julga-se importante destacar algumas reflexões que mais se salientaram e que refletem a importância deste projeto para as dirigentes associativas, assumindo estas que o seu papel deverá assentar no trabalho a desenvolver com a Comunidade, uma vez que enquanto voluntárias defendem os interesses comuns da comunidade. *“(...) a forma como toco a vida de cada um (...) Sentir-me útil (...) há um pedacinho de mundo, que nem sempre é meu e que eu estou a conseguir mudar.”* (DB7); *“(...) estou atenta, estou a observar e eu estou disponível (...) para partilhar ideias, para promover o bem-estar da comunidade(...)”* (DB8).

*“Este projeto fez-me refletir sobre a minha atuação no associativismo e o que (...) representa para o concelho e para a comunidade local. Ao refletirmos sobre os aspetos positivos e negativos faz-nos mudar a forma de pensar e atuar, bem como objetivar alguns aspetos que no dia-a-dia não pensamos neles.”* (Tabela n.º 11 – análise de questionário).

Noutro contexto e numa abordagem às limitações do estudo científico, considera-se essencial destacar algumas dificuldades de implementação de um projeto de Photovoice, por se julgar que estas refletem alguns dos obstáculos sentidos na presente investigação. Deste modo, a dinamização de projetos com duração prolongada e o elevado tempo despendido pelos participantes foi uma das maiores limitações sentidas no âmbito deste projeto e, que, se traduziu na indisponibilidade de algumas participantes integrarem todas as sessões dinamizadas neste processo. Considera-se, portanto, que na opção metodológica selecionada e por forma a garantir resultados significativos, o método para a recolha de dados é muito moroso e implicou a boa vontade e, muitas vezes, a amizade das participantes em colaborar na presente investigação.

Finalmente na componente das limitações deste estudo estão os elevados custos de logística e os materiais necessários para a execução de projetos desta natureza interventiva e que, neste caso em particular, foi resolvido com muita compreensão das participantes e com a total disponibilidade das mesmas em facultarem as suas próprias máquinas, ficando o campo de atuação um pouco limitado noutras perspetivas de intervenção.

Por se considerar que o projeto implementado foi alcançado com elevado grau de interesse e participação, julga-se essencial abordar algumas recomendações futuras, na medida em que, se pretende dar a conhecer publicamente este projeto, bem como a divulgação dos seus resultados, através da dinamização de uma exposição fotográfica a estar patente pelas diversas instituições locais como forma de apresentar a toda a comunidade as principais conclusões resultantes da presente investigação.

Neste âmbito e porque se considera que a temática do associativismo está pouco dinamizada, através de parceria com o Município da Batalha constitui-se essencial a realização de ações de formação entre os dirigentes associativos deste concelho. Através desta iniciativa, será promovida a partilha de dinâmicas culturais praticadas em outros contextos, apresentando-se como exemplos a seguir, possibilitando ainda nestes encontros o contacto e exploração de diferentes vertentes artísticas.

A opção metodológica escolhida para o presente estudo poderá ser implementada em diferentes contextos e com diferentes objetivos, neste âmbito e reconhecendo a abrangência do conceito de cultura, considera-se de interesse, como recomendação futura

à presente investigação, a dinamização de um outro projeto, recorrendo à metodologia do Photovoice, para melhor conhecimento dos criadores de cultura locais, estando nestes a missão de desenvolvimento do seu território e do estímulo para a participação sociocultural da sua comunidade.

Assim e em jeito de conclusão este projeto de intervenção baseado na fotografia revelou grandes contributos a dois níveis distintos, mas complementares: por um lado, provocaram a reflexão das dirigentes associativas, referente ao seu papel e missão na comunidade, consciencializando-as de diversos aspetos fulcrais para uma melhoria da sua intervenção; por outro lado, criaram-se reflexões em grupo que promoveram a partilha de aspetos positivos e negativos do trabalho realizado por cada participante, levando a uma troca de conhecimentos e de práticas, numa ótica de criação de sinergias entre associações.



## Referências Bibliográficas

- ALVES, F. (2001). *Diário – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas*. Instituto politécnico de Viseu.
- Ander – Egg, E. (2008). *La Animación Sociocultural en los comienzos del siglo XXI*. México: Lumen.
- Augusto, D. (2012) *Cultura como direito: Um mundo preso do outro lado do espelho. Animação Cultural: Descobrimos Caminhos* (pp. 113 -124). IPLeiria, Várzea da Rainha Impressores.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa, Gradiva.
- Bento, A. (2014). *Consciência cidadã: novas práticas de participação e de envolvimento social tendo como itinerário e território a Arte e a Animação Sociocultural. Animação Sócio-Cultural - Turismo, Património, Cultura e Desenvolvimento Local* (pp. 91-94). Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Blackman, A., & Fairey., T. (2007). *The Photovoice Manual A guide to designing and running participatory photography projects*. Londres: Photovoice.
- Bogdan, R., Biklen, S., Alvarez, M., Vasco, A., dos Santos, S. & Baptista, T. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*.
- Booth, T., & Booth, W. (2003). *In the frame: photovoice and mothers with learning difficulties. Disability & Society*.
- Cabeza, M. & Amigo M., (2014). *Alta Cultura e animação sociocultural, um diálogo necessário. Animação Sócio-Cultural - Turismo, Património, Cultura e Desenvolvimento Local*, (pp.225-234). Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Capucha, L. (1990). *Associativismo e modos de vida num bairro de habitação social. Sociologia: Problemas e Práticas* (pp. 29-41).

- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Carvalho, N. (2014). Associativismo, Partenariado e desenvolvimento local sustentável: O exemplo das organizações não governamentais de ambiente. *Animação Sócio-Cultural - Turismo, Património, Cultura e Desenvolvimento Local*, (pp.41-51)Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Carvalho, R. (1960). *História da Fotografia*. Coimbra, Alêntida.
- Coelho, S. (2008). *Participação Social e Associativismo em Portugal: breves apontamentos de um estudo de caso de uma associação de promoção de Comércio Justo*. Porto, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Coutinho, C. (2008). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Braga: Universidade do Minho.
- Dias M. (2010). *Planos de Investigação. Avançando passo a passo*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.
- Dixon, M. & Morgan H. (2005). *Photovoice, Promising practice in engaging young people who are homeless, Youth Studies Australia*.
- Edwards, E. (2008). Representação da mudança: a construção do etnográfico na fotografia do séc. XIX. *Revista de Comunicação e Linguagens*, (97-117).
- Felizardo, A., & Saiman, E. (2007). A fotografia como objeto e recurso de memória. Discursos fotográficos.
- Fernandes, A. (1999). *Para uma Sociologia da Cultura*. Porto – Campo das Letras – Editores, S.A.
- Fernández, J., (2014). O Turismo como processo de animação social comunitária para o desenvolvimento e gestão do património cultural das comunidades locais. *Animação Sócio-Cultural - Turismo, Património, Cultura e Desenvolvimento Local*, (pp.261-270). Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.

- Ferreira, A. (2014). *Cidadania, Imigração e Nacionalidade na União Europeia*. Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais.
- Fontes, A. & Arcanjo M. (2012). ROSTOS: As pessoas e a cidade – o papel da RIA na promoção do desenvolvimento comunitário da cidade de Leiria. *Animação Sociocultural, Intervenção e Educação Comunitária: Democracia, Cidadania e Participação*, (pp.159-175). Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Fontes, A., Sousa, J. & Lopes, M. (org.) (2014). *Da participação na Cultura à cultura da Participação*. Óbidos: RIAP – Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Nodo Português.
- Gil, A. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora
- Guerreiro, E. (2013). *Guia do Associativismo da Batalha* – Município da Batalha (disponível em [www.cm-batalha.pt](http://www.cm-batalha.pt)).
- Henriques, C. (2014). *Guia do Associativismo da Batalha* – Município da Batalha (disponível em [www.cm-batalha.pt](http://www.cm-batalha.pt)).
- Joly, M. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa, Ed. 70.
- Kossoy, B. (2001). *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Kowalski, M. (2012). A Fotografia como linguagem promotora de desenvolvimento. *Animação Cultural: Descobrendo Caminhos*. (pp. 182-190), IPLeia, Várzea da Rainha Impressores.
- Le Goff, J. (2003). *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, J. (2007). *Políticas Culturais* in “Da Democratização à Democracia Cultural”; Porto: Profedições.

- Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Loureiro, A. (2012). Existem Comunidades? Das Comunidades de prática à educação comunitária. *Animação Sociocultural, Intervenção e Educação Comunitária: Democracia, Cidadania e Participação*, (p.333 – 339). Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Magueta, L. (2014) Participação, expressão e criatividade em experiências com a linguagem plástica desenvolvidas em espaços educativos por animadores em formação. In *Cultura e Participação: Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos*. (pp.234-241). RIAP, Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Nodo Português.
- Meirinho, D. (2009). *A Fotografia Enquanto Representação do Real: A identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic*. Dissertação de Mestrado, FCSH/UNL, Lisboa.
- Meirinho, D. (2014). A fotografia participativa enquanto ferramenta de engajamento social de jovens em contextos de risco. *Manual Olhares em Foco*.
- Meirinho, D. (2015). O uso do método Photovoice como instrumento para a literacia visual com jovens em contextos de exclusão e vulnerabilidade. *Metodologias participativas: os media e a educação* (pp. 203-212). LabCom Books.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social; Instituto para o Desenvolvimento Social, (2001). *Guia para o Associativismo*, Lisboa: IDS.
- Mitchell, G. (1998). *Novo Dicionário de Sociologia*. Porto: Rés - Editora, Lda.
- Moraes, R. e Sousa, J. (2012). Do envolvimento associativo à mobilização cívica: o potencial das redes sociais. Comunicação apresentada no VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto – Faculdade de Letras.
- Moura, A. (2003). Desenho de uma pesquisa: passos de uma investigação acção. *Revista Educação*. UFSM, Edição: 2003 – Vol.28 – n. 1.

- Novaes, S. C. (1988). O uso da imagem na antropologia. In E. Samain (Ed.), *O Fotográfico* (pp. 113-119). São Paulo: Hucitec.
- Palibroda, B., Krieg, B., Murdock, L., & Havelock, J. (2009). *A practical guide to photovoice: Sharing pictures, telling stories and changing communities*. Winnipeg: Prairie Women's Health Network.
- Pereira, J., Vietes, M. & Lopes, M. (coord.), (2014). *As Artes na Educação*. Chaves: Intervenção.
- Pinho, P. (2007). O Associativismo: Conceitos, Princípios e Tipologias.
- Pinto, A. (2016). Como será o Associativismo no Futuro?. *Cultura & Recreio – Publicação do Associativismo Feirense* (pp. 6-7). Santa Maria da Feira, Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira.
- Pollack, M. (1992). Memória e identidade social. *Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro*, v. 5, n.º 10 (pp. 200-212).
- Prins, E. (2010). Participatory photography: A tool for empowerment or surveillance? In *Action Research*, (pp. 426-443).
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva.
- Rabadán C., Ángel V. & Contreras P., (2014) La Fotografía Participativa en el contexto socio-educativo con adolescentes. *Comunicación y Hombre*, nº10, (pp. 143-156).
- Rodrigues, F. (2011). *Educação do Olhar*. Lisboa, Chiado Editora.
- Santos, D. (2014). A cultura como instrumento de desenvolvimento local em Portugal: decálogo de princípios orientadores. *Animação Sócio-Cultural - Turismo, Património, Cultura e Desenvolvimento Local* (pp.201- 213). Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Santos, M. (2007). *Políticas Culturais em Portugal*. Almada.

- Santos, P. (2016). A Crise, a Austeridade e o Associativismo. *Cultura & Recreio – Publicação do Associativismo Feirense* (pp. 8-9). Santa Maria da Feira, Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira.
- Sarmiento (2015). *Estudos Interculturais Aplicados*. Vida Económica – Editorial, SA
- Sarmiento, M., Tomás, C., & Soares, N. (2004). Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. In *VI International Conference on Social Methodology. Recent Developments and Applications in Social Research Methodology*.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais – Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Serrano, M. (2011). Desafios da investigação qualitativa em Animação Sociocultural. *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*. Chaves, Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Souza, D. (s.d.) - *Apropriações, usos e mudanças na Função Social da Imagem Fotográfica na Era Digital*, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-inclusao-digital-e-fotografia.pdf>.
- Sousa, I. & Gonçalves, J et all (2016). *Intervenção Cultural e Educação Artística. Experiências em Animação, Artes e Educação*. Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação, ESECS/Instituto Politécnico de Leiria.
- Sousa, M & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Practor.
- Torre, S. (2007). *Cultura de rua e espaços plurais na formação artística*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>.
- Trilla, J. (2004). *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ventosa, V. (2009). *Perfiles y Modelos de Animación y Tiempo Libre*. Madrid Editora CCS.

- Vilaça, H. (1993). *Associativismo e Movimentos Pessoais*. Universidade do Porto – Faculdade de Letras.
- Walker, R. (1993). Finding a Silent Voice for the Researcher: Using Photographs in Evaluation and Research. In M. Schratz (Ed.), *Qualitative Voices in Educational Research*. Londres, Falmer.
- Wang, C. & Burris, M. (1997). Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, vol. 24, (pp. 369-387).
- Wang, C. C. (2006). Youth Participation in Photovoice as a Strategy for Community Change. *Journal of Community Practice*, (pp. 147-161).
- Wang, C. et al (1998). Photovoice as a participatory health promotion strategy. *Health Promotion International*, (pp. 75-86).

[Consultado em 30/08/2016]

- Zabalza, M. (1994). *Diários de aula - Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.